



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
HISTÓRIA - LICENCIATURA

EM BUSCA DE UM NORTE:
UM PERFIL DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA SOBRE AS
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA REGIÃO NORTE (1993-2017)

Lucas Marcel Nascimento da Silva

201411290009

Macapá-AP

2024

LUCAS MARCEL NASCIMENTO DA SILVA

EM BUSCA DE UM NORTE:

**UM PERFIL DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA SOBRE AS
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA REGIÃO NORTE (1993-2017)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) com
requisito para obtenção do título de graduado em
Licenciatura Plena em História.

Orientador: Marcos Vinícius de Freitas Reis

Macapá-AP

2024

LUCAS MARCEL NASCIMENTO DA SILVA

EM BUSCA DE UM NORTE:

UM PERFIL DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA SOBRE AS
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA REGIÃO NORTE (1993-2017)

Relatório final, apresentado à Universidade Federal do
Amapá, como parte das exigências para a obtenção do
título de licenciado em História.

Macapá, fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Andrius Estevam Noronha
Universidade Federal do Amapá

Prof. Msc. Letícia Talita Brazão Picanço
Universidade Federal do Amapá

Prof. Dr. Marcos Vinícius de Freitas Reis (orientador)
Universidade Federal do Amapá

AGRADECIMENTOS

Acredito que o processo de escrita deste trabalho é reflexo de acúmulos. Neste momento, volto a atenção ao acúmulo de experiências, que foi desenvolvido nos mais diversos encontros. Quero, aqui, agradecer às trocas, aos cuidados, às chamadas de atenção e às mais diversas formas de contato que me atravessaram neste percurso.

Agradeço, primeiramente, à minha mãe pelo amor, carinho e perspectivas que ela me apresentou, mesmo não as conhecendo. Pela cobrança para ser alguém cada vez melhor. Às minhas irmãs, Mariana e Magali, que são exemplos de determinação e irreverência. Ao meu irmão caçula, Gustavo, que me faz querer ser exemplo.

Agradeço ao meu orientador Marcus Vinícius pelas conversas, incentivos e cuidado neste longo e, por vezes, doloroso percurso.

Agradeço aos amigos que construí em sala de aula durante o curso e foram essenciais para tornar esta experiência mais leve e saudável: Sabrina, Queiton, Juliana, Aldenize, Leandra e Herson.

Agradeço às pessoas que me atravessaram no período de bolsa de extensão e, posteriormente, pesquisa do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), especialmente à professora Irislane, professora Piedade, aos meus amigos César, Roger e David.

Agradeço aos meus companheiros de movimento estudantil e aos sindicatos de docentes e técnicos da UNIFAP, que me alimentaram de esperança na construção de uma sociedade comprometida com a justiça social.

Agradeço ao Camilo, que, no último ano de escrita deste trabalho, me reapresentou à coragem e à determinação pelo exemplo de sua caminhada. Agradeço-lhe pelo amor e carinho compartilhados.

Agradeço à Juliana Rocha pela generosidade, atenção, paciência e disposição para me ouvir e aconselhar na etapa final deste trabalho.

RESUMO

Esta monografia explora a produção científica brasileira na área de História sobre Religiões de Matriz Africana no Brasil, com foco na região Norte, entre 1993 e 2017. Busca-se compreender o contexto histórico e as influências teóricas dessas produções. As perguntas norteadoras investigam a falta de abordagens da temática na área, afinando a pesquisa até a região Norte. A metodologia envolveu o levantamento e análise de produções científicas sobre o tema, com buscas em bancos de dados variados. Os capítulos abordam a História Cultural, a Historiografia Brasileira Contemporânea e uma análise cronológica da produção historiográfica sobre as religiões de matriz africana na Amazônia. A pesquisa contribui para o debate sobre a prática historiográfica nesse contexto, traçando um perfil dos estudos sobre a temática dentro da disciplina História, a partir de requisitos como gêneros, área de concentração, linha de pesquisa e região geográfica.

Palavras-chave: Historiografia Brasileira Contemporânea; Religiões de Matriz Africana; Região Norte.

ABSTRACT

This monograph explores Brazilian scientific production in the area of History on Religions of African Matrix in Brazil, focusing on the North region, between 1993 and 2017. It seeks to understand the historical context and theoretical influences of these productions. The guiding questions investigate the lack of approaches to the topic in the area, funneling the research to the North region. The methodology involved the survey and analysis of scientific productions on the topic, with searches in various databases. The chapters cover Cultural History, Contemporary Brazilian Historiography and a chronological analysis of the historiographical production on African-based religions in the Amazon. The research contributes to the debate on historiographical practice in this context, outlining a profile of studies on the subject within the History discipline, based on requirements such as genres, area of concentration, line of research and geographic region.

Keywords: Contemporary Brazilian Historiography; African Matrix Religions; North region.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – HISTORIOGRAFIA E RELIGIÕES	12
2.1 Explorando a Historiografia como campo científico: debate conceitual, antagonismos e relevância para os estudos das religiões.....	12
2.2 História & Religião: um panorama de uma discussão milenar	17
CAPÍTULO 2 – O PERCURSO DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	22
CAPÍTULO 3 – PERFIL DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA SOBRE AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL E NA REGIÃO NORTE	33
3.1 Perfil da Historiografia das Religiões de Matriz Africana no Brasil	33
_ Região Sul	33
_ Região Sudeste.....	35
_ Região Centro-Oeste	39
_ Região Nordeste.....	41
_ Região Norte	43
3.2 Perfil da Historiografia das religiões de Matriz Africana na Região Norte.....	45
_ Amazonas	46
_ Amapá	47
_ Pará.....	48
_ Tocantins	52
_ Rondônia	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	62
ANEXO	64

INTRODUÇÃO

A premissa inicial desta pesquisa surgiu em 2015, durante a disciplina obrigatória intitulada “Patrimônio Histórico, Cultural e Natural”, ministrada pela Profa. Dra. Irislane de Moraes. Durante o curso das atividades, participei de um grupo de estudantes encarregado por uma visita ao Terreiro de Mina Nagô. Entrevistamos Mãe Iolete, Ialorixá responsável pelo Ilê Mina Nagô Nossa Senhora das Graças. Na oportunidade, fomos convidados a participar de uma festa que aconteceria dias depois, mas apenas eu compareci ao evento.

A partir disso, várias dúvidas foram surgindo, o que me fez buscar conhecer mais sobre aquele universo, inteiramente novo para mim. Solicitei mais leituras à professora Irislane, durante as reuniões coletivas de orientação. Em meio a clássicas e atuais produções de antropólogos, ela indicou “História do Candomblé no Amapá: História, Memória, Imigração e Hibridismo”, dissertação de Mestrado em História de Decleoma Lobato Pereira. Notei, na leitura, pouca referência às produções historiográficas. Esta observação continuou com o decorrer das leituras.

Meses depois, fui convidado pela Profa. Dra. Piedade Lino Videira a participar das atividades para a criação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Amapá (NEAB-UNIFAP) e entrei em contato com os mais diversos movimentos sociais e culturais negros do Amapá e pesquisadores da temática étnico-racial do Brasil. Logo após, tornei-me bolsista de extensão do núcleo, experiência ímpar em minha formação. Frequentava, também, os eventos promovidos pelo Colegiado de História e do Centro de Estudos Política, Religião, Sociedades da Amazônia (CEPRES). Entre leituras e eventos, a temática ia-se afirmando pouco a pouco.

O tema desta Monografia é a Historiografia das Religiões de Matriz Africana na região Norte. A produção científica (teses, dissertações, livros, capítulos de livros e artigos científicos), realizada por historiadores brasileiros em contexto nacional, entre 1993 e 2017, é o nosso objeto de estudo. O ano de 1993 foi escolhido como início do recorte temporal devido o levantamento das produções realizado apontar para a primeira produção sobre o tema na região Amazônica, oriundo de um programa de pós-graduação. A escolha pelo ano de 2017, por sua vez, justifica-se pela realização do XXIX Simpósio Nacional de História, organizado pela Associação Nacional dos Professores Universitários (ANPUH), e o I Simpósio da ABHR-Norte. O primeiro configura-se como o mais importante encontro de

historiadores brasileiros e o maior da América Latina. O segundo, marca o processo de regionalização da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) e reúne os estudiosos da temática na Amazônia.

Assim, as perguntas norteadoras desta pesquisa são: (1) Por que, na Amazônia, as Religiões de Matriz Africana foram objetos de poucos trabalhos na área de História? e (2) Qual é o perfil destas produções: tema, região geográfica, gênero, dentre outras categorias? Entendemos que estas perguntas contribuem para o campo de estudo em questão, pois se configura como proposta inicial de um debate sobre a prática historiográfica relacionada às religiões de matriz africana na Amazônia.

Como objetivo, pretendo analisar a produção científica relacionada às Religiões de Matriz Africana na Amazônia, entre 1993 a 2017 para compreender o contexto histórico do período indicado e suas influências teóricas e metodológicas nas produções. Foram coletados trabalhos de pesquisadores que possuem graduação em História e que realizaram estudos sobre o tema. Dividi o levantamento em três etapas, descritas a seguir.

Primeiramente, realizei o levantamento desta produção por meio dos seguintes buscadores acadêmicos eletrônicos: Google Acadêmico, *Scielo*, Domínio Público, Catálogo de Teses e Dissertações e Portal de Periódico da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Direccionamos, também, as buscas aos bancos de teses e dissertações dos programas de pós-graduação em História da região Norte¹ e de outras universidades brasileiras.

Para isso, previamente defini 10 descritores. Eles são utilizados para caracterizar um trabalho baseado nas informações registradas na apresentação da produção acadêmica: título, resumo, palavras-chave, área de conhecimento, áreas afins e linha(s) de pesquisa. Na busca, variei em grau e, quando possível, sexo (masculino e feminino). São eles: Candomblé, Calundu, Umbanda, Tambor-de-Mina, Pajelança, afro-brasileira, afro-brasileiras, afro-brasileiro, afro-brasileiros, afrodescendente, afrodescendentes.

Com a intenção de localizar outras possíveis produções sobre a temática, na segunda etapa foram consultados os perfis cadastrados na Plataforma Lattes dos pesquisadores encontrados nas primeiras buscas. Finalizei a coleta com a busca nas referências dos

¹ Foram consultados os bancos de teses e dissertações dos programas de pós-graduação em História e as revistas eletrônicas das seguintes instituições de ensino superior: Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Estadual do Pará (UEPA), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade do Estado do Amazonas (UEA). As instituições não mencionadas não possuem o referido programa.

trabalhos encontrados nas etapas anteriores. Destas buscas, coletei o número de 154 produções para análise. Nesta monografia, elas constituem um corpus documental destinado a um problema específico.

Para tanto, adotar-se-á o seguinte percurso. O Capítulo I apresenta a trajetória da História cultural, o desenvolvimento do tema “Religião” na área de História e as minhas escolhas conceituais. O objetivo é entender o ofício do historiador em relação ao tema proposto. O Capítulo II, por seu turno, discute o desenvolvimento da Historiografia Brasileira Contemporânea, da temática racial no campo científico e a presença das Religiões de Matriz Africana nestes estudos. O objetivo é analisar a trajetória da historiografia brasileira e sua influência sobre os estudos referentes às religiões de matrizes africanas das universidades localizadas na Amazônia. O Capítulo III, por fim, apresenta uma organização cronológica da produção historiográfica contemporânea referentes às religiões de matrizes africanas, no Brasil e na Região Norte. O objetivo é analisar as produções para identificar um perfil, a partir das seguintes categorias: linha de pesquisa, região geográfica, gênero e data de ano de publicação. Encerramos este trabalho apresentando as considerações acumuladas neste percurso.

CAPÍTULO 1: HISTORIOGRAFIA E RELIGIÕES

Este primeiro capítulo está dividido em duas seções. Na primeira apresentarei, de forma breve, o percurso histórico desenvolvido pela História Cultural que culminou em minha escolha pelos conceitos de Historiografia, Campo científico e Representação para nortear a pesquisa. A segunda, por seu turno, específica o desenvolvimento do tema Religião em História, a partir dos debates na área História das Religiões. Em síntese, este capítulo tem como objetivo compreender o desenvolvimento do ofício do historiador, sobretudo em relação ao tema “religião”.

1.1 Explorando a historiografia como campo científico: debate conceitual, antagonismos e relevância para os estudos das religiões

O que é História Cultural? A indagação, importante para adentrarmos no universo desta pesquisa, também é título do livro de Peter Burke, publicado originalmente em 1937, na Inglaterra. Ao longo da obra, Burke aborda o que é esta “ala” da História e o que fazem os pesquisadores integrados a ela, com destaque aos interesses, tradições, contradições e conflitos. Para tanto, considerou oportuno dividi-la em quatro fases, a saber: “clássica”; “história social da arte”, iniciada em 1930; “história da cultura popular”, a partir de 1960; e, por fim, a “Nova História Cultural”. (Burke, 2005, p. 7-15)

De acordo com Burke, a fase “clássica” é assim designada devido a concentração de análises sobre obras clássicas (literatura, filosofia, ciência), cânones de obras de arte, entre outras fontes correlatas. Esse tipo de abordagem é característica do século XIX, aonde o historicismo de Paul Ranke, cujo objetivo estava em buscar novos sentidos para cada momento da história, direcionava a atenção para as discontinuidades do tempo histórico, assim como a vertente positivista, liderada pelos pressupostos científicos de Augusto Comte, sustentava a ideia de verdade absoluta das fontes documentais. Essas duas vertentes impressionavam, à época, pela seriedade na análise das fontes e pela forte defesa da História como ciência. Por isso, os historiadores buscavam, a partir da análise da obra como um todo, conexões que retratavam uma época. Destacaram-se, neste ínterim, o suíço Jaco Buckhardt (*A cultura do Renascimento na Itália*, 1860), o holandês Johan Huizinga (*Outona da Idade Média*, 1919) e o inglês George Malcolm Young (*Victorian England*, 1936). A hegemonia deste tipo de fazer dos historiadores culturais compreende o período de 1800 a 1950.

A fase seguinte é marcada pela contribuição de sociólogos, especialmente os alemães Max Weber, autor de “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*” (1904), e Norbert Elias,

que escreveu “O processo civilizador” (1939). O primeiro, preocupado com a questão econômica, explicou o sistema de valor protestante empregado à acumulação de capital, bem como a ascensão do comércio e da indústria, a partir de uma perspectiva cultural. O segundo, por sua vez, afirmou-se escritor da “civilização”, da “superfície humana”, afastando-se da noção de cultura, da abordagem aprofundada. Entretanto, debruçou-se sobre o autocontrole nas cortes da Europa Ocidental, a partir da história dos modos à mesa, relacionado às “pressões sociais” dos séculos XV e XVIII à “centralização do Estado e à submissão ou domesticação de uma nobreza guerreira”, contribuindo para o estudo da “cultura do autocontrole” (p. 8).

Todavia, a figura mais influente da “história social da arte” foi Aby Warburg, que não seguiu carreira acadêmica. Warburg escreveu sobre a tradição clássica, especificamente sobre aspectos do Renascimento italiano, almejando contribuir com uma “ciência da cultura”. O seu fator de singularidade foi a atenção aos esquemas (fórmulas culturais) e perspectivas. Somou-se a isso a sua liderança de um grupo de estudos, cujos encontros ocorriam em sua biblioteca, em Hamburgo, canal que favoreceu o alcance de suas ideias.

Faz-se necessário salientar que parte importante destas mudanças na historiografia advém da criação da revista *Annales*, na França, em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch. No prefácio do livro “A Escola dos *Annales* (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia”, Peter Burke (1992) explica que este empreendimento científico ganhou notoriedade internacional pela formação de um grupo de intelectuais extremamente atuantes, que desenvolveram um profícuo diálogo com outras disciplinas, como a linguística, economia, antropologia, sociologia, psicologia e geografia, por exemplo. Ademais, o movimento dos *Annales*² promoveram “a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema”, que possibilitou o debate e a incursão sobre uma “história de todas as atividades humanas e não apenas história política” (p.8). Devido a singularidades dos temas abordados, assim com as metodologias empregadas, nomes como Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie integravam o núcleo central do grupo, acompanhados de perto por Ernest Labrousse, Pierre Vilar, Maurice Agulhon e Michel Vovelle, que se distanciaram pelo compromisso com uma visão marxista. (BURKE, 1992)

² Neste trabalho, concordando com Burke, optou-se por nomear como movimento dos *Annales*, ao invés de escola, pois esta classificação, na tentativa de buscar uma unidade, “ignora tanto as divergências individuais entre seus membros quanto seu desenvolvimento no tempo” (p.8)

Ainda segundo Burke (2004), somente na década de 1960 a temática cultural passou a fazer parte dos diálogos de historiadores, apesar de intelectuais alemães de classe média desenvolverem a ideia de “cultura popular”, a partir das danças, rituais, artes, contos, canções, desde o final do século XVIII. Duas explicações são apontadas para essa emergência. A primeira, “interna”, argumenta que uma parte da história cultural desenvolvida na época marginalizava ou, pior, silenciava as pessoas de classes sociais menos privilegiadas; também criticavam a falta de análise da cultura da história econômica e política. A segunda, “externa”, relacionava a ascensão da ideia de “cultura popular” aos “estudos culturais”, praticados na Universidade de Birmingham, no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, liderado por Stuart Hall.

Entre as obras deste período, destacam-se “História social do jazz” (1959), de “Francis Newton”, pseudônimo de Eric Hobsbawn, e “A formação da classe operária inglesa” (1963), de Edward Thompson. Esta última, por sua vez, causou maior impacto na área. Na obra, Thompson analisou o lugar da cultura popular nas mudanças políticas e econômicas na formação da classe operária, o que influenciou muitas pessoas, de diversos lugares, a escreverem a história “a partir de baixo”.

Entretanto, a historiadora Sandra Pesavento (2003) explica que, a partir da inoperância da vertente marxista e da escola francesa dos Annales, originou-se a chamada crise dos paradigmas explicativos. Ela atribui ao surgimento da crise algumas questões, como os interesses e demandas de uma sociedade diversa, que denunciavam sistemas explicativos globalizantes, no período pós-Segunda Guerra Mundial. Ela pontua, ainda, que este movimento não resultou numa ruptura total com as vertentes originais, pois, a partir da renovação no âmbito do neomarxismo inglês e dos Annales, originou-se a Nova História Cultural.

A partir da interação com a Antropologia, historiadores norte-americanos, franceses e ingleses iniciaram uma abordagem mais ampla e plural do conceito de “cultura”, de forma mais evidente entre 1980 e 1990. A chamada Nova História Cultural foi assim designada com o objetivo de se diferenciar dos modelos anteriores e das outras “alas” da ciência histórica, como política, social, econômica, por exemplo. O autor de maior impacto, neste período, foi o antropólogo Clifford Geertz (1989). Para ele, em particular, a cultura é um sistema de concepções herdadas, simbolicamente expressas nas atitudes acerca da vida. Metodologicamente, destacou-se, principalmente, pela defesa da interpretação dos significados, como resposta à análise das funções sociais, praticada pelos antropólogos nas décadas de 1960 e 1970; pelo caráter humanista empregado à abordagem cultural, que enfatizava a descrição

densa da realidade; e, por fim, sua escrita única. De modo geral, no que concerne à Nova História Cultural, Burke (2005) afirma que seu surgimento foi uma resposta à ascensão da “teoria cultural” e da expansão do domínio da cultura.

O historiador brasileiro José D’Assunção Barros enfatiza, por sua vez, a introdução da “descrição densa” nas pesquisas em História Cultural, que modificou conceitualmente o campo:

A atenção aos detalhes, e o empenho de, através deles, atingir questões sociais mais amplas, corresponde à redução da escala de observação na corrente da História Cultural que se combina aos procedimentos micro historiográficos. Por outro lado, também encontraremos, entre as inspirações oriundas do diálogo com a Antropologia, a possibilidade de definir a História Cultural como busca de apreensão da “alteridade”. Essa definição é explicitada por Robert Darnton em seu conjunto de ensaios intitulado *O Grande Massacre dos Gatos* (1984). (BARROS, 2011, p.39)

Foi nesse contexto que o historiador francês Michel de Certeau elaborou originalmente o conceito de Historiografia, em seu livro intitulado *A escrita da História*, publicado em 1975. Nele, o autor identificou a História (1) como um discurso construído socialmente com o objetivo de estatuto de conhecimento e (2) como um conjunto de procedimentos técnicos e regras de escrita para construção de dados. No Ocidente moderno, a obra marca o início de uma postura crítica em relação ao fazer da História, ou seja, da Historiografia (PENSAVENTO, 2014)

Para o Certeau, a Historiografia é uma operação que busca compreender a relação entre um lugar social (instituições de saber), procedimentos de análise (práticas científicas) e a construção de um texto (escrita) (CERTEAU, 2011). Neste trabalho, esta relação está inserida no contexto da chamada Historiografia Brasileira Contemporânea (MARTINS, 2011), que é, em suma, resultado das produções das universidades brasileiras, reguladas e avaliadas pelo Estado, publicadas nos formatos de teses, dissertação, livros, capítulos de livros e artigos. De acordo com o historiador brasileiro Estevão Rezende Martins (2011),

A historiografia brasileira contemporânea abarca pelo menos dois grandes grupos de investigações: um, genérico, diz respeito à história escrita no Brasil e desde suas perspectivas de interesse e análise; outro, específico, relativo à história que tem o Brasil, de uma ou outra forma, como objeto. Neste segundo grupo está incluída a historiografia dita “brasilianista”, produzida sobretudo fora do país, notadamente nos Estados Unidos e na Europa. (p.201)

Aqui, porém, restringe à produção brasileira. Recentemente, na proposição de sua tese de doutorado, João Ohara (2017) caracterizou a História da Historiografia, no Brasil, polarizada entre a “afirmação” ou “crítica”. A saber:

[...] os sujeitos dessas histórias permanecem enquanto indivíduos, correntes intelectuais ou instituições. Do lado afirmativo, buscaram-se estabelecer cânones da disciplina, com precursores e figuras modelares; do lado da crítica, há sempre a figura esquecida, marginalizada ou excluída, figura que se deve integrar à história da disciplina a fim de que possamos progredir rumo a uma história mais completa, inclusiva e justa. (2017, p. 10)

Consideramos de suma importância para a área o seu questionamento sobre a possibilidade de escrever histórias da historiografia que não tenham indivíduos ou escolas históricas enquanto sujeitos, bem como o posicionamento de sua produção “como uma história crítica da historiografia, cujos sujeitos sejam formações discursivas, mais do que indivíduos ou escolas” (2017, p.11). Entretanto, dentro da realidade dos estudos historiográficos sobre as Religiões de Matriz Africana, foco do presente trabalho, entendemos que há, sim, a necessidade de sabermos quem somos para saber como e para onde vamos. Eduardo Basto de Albuquerque (2007), já alertava para a necessidade de um “balanço” de estudos históricos sobre religião.

Antropólogos e sociólogos, em várias oportunidades, realizaram balanços sobre seus estudos sobre as religiões. Os historiadores estão ausentes nestas recensões. Ademais, ao elaborarem o mapeamento do próprio campo, os historiadores silenciam sobre a religião, a história da Igreja e da religiosidade popular, apesar de comparecerem, nestes levantamentos, temáticas renovadas na historiografia (p.9)

Para isso, a noção de campo científico proposta por Pierre Bourdieu, em *Os usos sociais da ciência* (2011), é fundamental. O referido livro tem o objetivo de “contribuir para essa reflexão sugerindo algumas questões sobre o que é a lógica própria do mundo científico e sobre a forma particular que essa lógica assume o caso do INRA, com a esperança de desencadear um processo de auto-análise coletiva” (p. 17). Seu texto é conduzido pelas seguintes perguntas: “Quais são os usos sociais da Ciência? É possível fazer uma ciência da ciência, uma ciência social da produção da ciência, capaz de descrever e de orientar os usos sociais da ciência?” (p.19). A partir delas, ele apresenta a noção de campo, que é dividida a partir de dois modos de análise das produções culturais. O primeiro compreende o texto como autônomo, ou seja, para este tipo de análise, denominada interna ou internalista, iniciada na França com a semiologia e sustentada hoje pelo pós-modernismo, o texto é a base única de interpretação. De outro lado, existe um grupo orientado pelo marxismo, que em suas análises relacionam o texto com o contexto, interpretando estas produções a partir da relação entre o mundo social e econômico. O autor justifica a sua escolha:

Digo que para compreender uma produção cultural (literatura, ciência etc) não basta referir-se ao conteúdo textual dessa produção, tampouco referir-se ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação direta entre o texto e o contexto. [...] Minha hipótese consiste em supor que, entre esses dois pólos, muito distanciados [...] existe um universo intermediário que chamo o campo literário, artístico, jurídico ou científico, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem e difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. (BOURDIEU, 2004, p. 20)

Para Bourdieu, o campo científico é dotado de certa autonomia do mundo social. Essa autonomia em alto grau é manifestada na capacidade de “retraduzir” as pressões e demandas externas, tornando-as irreconhecíveis. No caso contrário, conhecido como heteronomia, estas tensões são observadas diretamente. Entretanto, existe um conjunto de regras que está diretamente relacionado com a “estrutura das relações objetivas” dos agentes do campo, hierarquizada pelo capital científico, que determina o que será, em determinado momento, o conjunto de questões no qual o grupo deslocará esforços (BOURDIEU, 2004).

As considerações de Bourdieu complementam-se às de Certeau sobre práticas. Para ele, as práticas científicas são a possibilidade de estabelecer um conjunto de regras que permitam controlar operações destinadas à produção de objetos determinados. Quando estes elementos são articulados, a escrita, produto da operação historiográfica, torna-se uma representação histórica, conceito central para a Nova História Cultural. Neste trabalho, representação é entendida como uma luta entre os que pensam que “a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detém o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou resistência, que cada comunidade produz de si mesma” e outra que confere crédito à representação, a partir da demonstração de unidade, que cada grupo faz de si mesmo. (CERTEAU, 2011; CHARTIER 1991; BURKE, 2008).

Diante dessas considerações, evidencia-se o complexo processo de formação da historiografia, moldado por conflitos, negociações e imposições do contexto social, especialmente no campo científico. No contexto específico da disciplina sobre as religiões de matriz africana na Amazônia, observa-se um desenvolvimento ainda incipiente desse processo, deixando em aberto o nível de aprofundamento nas discussões e as possibilidades de exploração do tema. Contudo, é crucial compreender que essa lacuna resulta do percurso histórico dos estudos religiosos até o momento. Sendo assim, há espaço para avanços e aprofundamentos, destacando a necessidade de futuras pesquisas e análises críticas que possam enriquecer e aprimorar a compreensão do aspecto da história regional e religiosa.

1.2 História e Religião: um panorama de uma discussão milenar

Jurandir Malerba publicou, em 2002, o artigo “Em busca de um Conceito de Historiografia: Elementos para uma discussão”, onde contribuiu, com maestria, nos debates sobre o conceito. Em uma de suas ponderações, ele afirma:

O caráter auto-reflexivo do conhecimento histórico talvez seja o maior diferenciador da História no conjunto das Ciências Humanas. [...] o trabalho histórico profissional exige um exercício de memória, de resgate da produção do conhecimento histórico sobre qualquer tema que se investigue. Não nos é dado supor que partimos de um “ponto zero”, decretando a morte cívica de todo um elenco de pessoas que, em diversas gerações, e à luz delas, se voltaram a este ou aquele objeto que porventura nos interesse atualmente. Devido a uma característica básica do conhecimento histórico, que é sua própria historicidade, temos que nos haver com todas as contribuições dos que nos antecederam. Essa propriedade eleva a crítica historiográfica a fundamento do conhecimento histórico. (MALERBA, 2002, p.36-37)

Por conseguinte, faz-se necessário um breve relato sobre a história dos estudos sobre as religiões para contextualizar a produção, que, mais a frente, será abordada nesta pesquisa. O historiador brasileiro Sérgio da Mata publicou o livro *História & Religião*, em 2010. Em seu capítulo II, intitulado “A religião como objeto: da História eclesiástica à história das religiões”, ele descreve o desenvolvimento da disciplina, a percepção do objeto e a forma de sua abordagem no tempo.

Segundo o autor, na Antiguidade, o bispo Eusébio de Cesareia (260-340) foi responsável pela produção de *História eclesiástica*, primeira obra, no âmbito do conhecimento histórico, voltado ao campo religioso. A sua contribuição metodológica é observada no uso de fontes escritas – mesmo que sem compromisso com a autenticidade - e a abordagem de caráter universal. O autor reintroduz o mito na historiografia, por meio de várias histórias fantásticas, dissolvendo a fronteira até então estabelecida entre “fato” e crença.

Já na Idade Média, a História, agora subordinada à teologia, “era entendida como um método auxiliar da exegese bíblica, e não como uma disciplina autônoma” (DA MATA, 2010, p.36), estando a serviço da salvação. No rol de ciências da época, estava entre as numéricas (astronomia, geometria e aritmética) e as artes liberais (gramática, geometria, retórica). O relato, ainda universalista, era considerado autêntico quando ligada a tradição judaico-cristã. Por conseguinte, as crenças, localizadas fora deste espectro, eram taxadas de “heresia”, “paganismo”, “idolatria”, “superstição”, “feitiçaria”. Os clérigos e historiadores Gregório de Tours, Isidoro de Sevilha e Beda, por exemplo, abordaram a trajetória institucional da Igreja, em formato de crônicas.

No século XV, a historiografia dos fenômenos religiosos, a partir do movimento humanista e da crítica filológica, sofre a primeira grande virada, que se caracteriza, sobretudo, pela introdução da dúvida metódica como princípio estruturador do pensamento e oposição ao ideal cristão de “fuga do mundo”.

O século subsequente é marcado pelo pensamento humanista, pela Reforma Protestante e por guerras religiosas. Monge, professor de teologia e principal agitador da Reforma, Martinho Lutero entendia que a história do catolicismo era a história da decadência. Este pensamento influenciou a historiografia do período, submissa a interesses apologéticos.

O século XVII, que emerge sobre as guerras sangrentas do período anterior, traz consigo a produção de uma profícua crítica histórica, dentro das Igrejas, através dos teólogos eclesiásticos de diferentes confissões. Responsável por esta guinada, a filologia encarava a resistência, principalmente da ala protestantes, devido ao entendimento de que se abriria margem a uma crítica à própria religião. Este contexto reabre espaço para a possibilidade de uma rigorosa pesquisa documental, não mais dogmática, mas pragmática, firmada no século seguinte.

No século XVIII, a historiografia, antes produzida no interior das ordens religiosas, ganha espaço em universidades alemãs, gradativamente. Este movimento cria a distinção entre a história eclesiástica e a história universal tida como “profana”. Figura fundamental nesta mudança, Johann Lorenz Mosheim (1694-1755) foi nomeado professor honorário da Universidade de Göttingen, em 1747. Ocupando o cargo de chanceler, ele promoveu a valorização docente, buscou o fim da censura e enfatizou a produção científica. Com o contexto favorável, a História transformou-se em disciplina autônoma, com estatuto metodológico pleno.

Por conseguinte, no âmbito da história da Igreja, Mosheim foi pioneiro na defesa do método pragmático e, ao classificar a Igreja como uma instituição social, com o objetivo de entender tanto o “interior” quanto o “exterior” da esfera religiosa cristã, chamou a atenção para os mais variados contextos e possibilidades de conexões. Para ele, o historiador da Igreja deveria atentar-se aos seguintes conhecimentos sobre o povo estudado: natureza humana, filosofia, formação cultural, tradição e realidade política dos Estados cristãos e crenças populares. Por estes e outros feitos, Mosheim ficou conhecido como “o pai da nova historiografia eclesiástica:

Embora o foco da disciplina tenha sido a religião desde o início, havia necessidade de especificar a aproximação que se propunha em relação a este objeto, principalmente para diferenciar esta abordagem de uma aproximação confessional. Assim, na conjunção de termos (história e religiões) a denominar a nova área de estudo, embora o peso recaísse sobre o segundo termo, o primeiro define a modalidade de abordagem. Porém, e pelo fato de o objeto de estudo serem as religiões, a disciplina acabou apresentando uma série de particularidades e especificidades que não se observam em outras áreas da história, mesmo que de interseção. Um dos motivos que dá a esta área tal especificidade decorre do fato de muitas vezes ter-se lançado mão de instrumentos analíticos para abordar o objeto

“religião” fortemente modelados pelas características do objeto em si e não pela tradição da disciplina história ou do saber histórico. (DA MATA, 2010, p. 35-69)

Eduardo Bastos de Albuquerque descreveu, em 2007, a “historiografia tradicional da religião” a partir de três etapas. A primeira, datada do primeiro quartel do século XX, com a “inauguração” da área História das Religiões, caracterizava-se por uma análise comparativa que buscava a confirmação de crenças ligadas ao cristianismo; outra parcela de estudiosos acreditava no desaparecimento da religião, a partir do progresso da ciência e do processo de industrialização dos países.

Fernando Torres-Londoño, em publicação posterior, corrobora com a afirmação:

No Congresso de História das Religiões de 1900, no qual foram lançadas muitas das premissas da nova disciplina, definiu-se um campo de estudo que buscava avaliar as origens das religiões e as suas evoluções através de uma análise comparativa dos seus elementos. Não é coincidência que uma abordagem analítica desta ordem tenha emergido apresentando como foco as religiões da Ásia (Oriente Médio, Índia e China), que em muito se ajustavam à ideia consagrada no Ocidente daquilo que se entendia por religião, conceito regido pelo modelo judaico cristão. Assim, pelo fato de haver fortes analogias em estrutura e conteúdo entre as religiões do Oriente e a “religião modelo ocidental” a análise comparativa de elementos surgia quase como uma abordagem objetiva. A ênfase neste tipo de abordagem fez com que, paradoxalmente, a disciplina, que no século XIX ficou consagrada como História das Religiões, mais do que fazer a história das religiões, praticasse um estudo analítico-comparativo em que se estudavam mitos e ritos das religiões, tendo como modelo estruturante a religião cristã. (2013, p.124-125)

O autor enfatiza, neste caso, a utilização da análise comparativa como uma espécie de “regulação” dos estudos sobre religiões deste período, a partir de uma base cristã. Ainda segundo Albuquerque (2007), a segunda fase desenvolve em suas abordagens a relação da religião com os países, “onde ela é considerada como fazendo parte da história das instituições e das relações com os Estados” (p.4). A última, por sua vez, toma como abordagem a História da Igreja, destacando grandes personagens, dogmas, estruturas e outros elementos, que fizessem ligações com os governos (ALBUQUERQUE, 2007).

No início do século XX, os poucos estudos sobre a Igreja Católica foram produzidos por religiosos em ambiente clericais e são caracterizados pelo elitismo, militância de cunho teológico, antimoderno e forte influência eurocêntrica, com destaque às biografias de figuras masculinas da hierarquia e suas realizações de maior relevância, publicadas na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e na Revista Eclesiástica Brasileira (REB) (Pereira & Silveira, 2018).

O Vaticano II, desde sua convocação em 1959, suscitou uma renovação teológica e pastoral da Igreja Católica, na América Latina. Emergia a necessidade de revisão da autoimagem, estruturas identitárias e narrativas da Igreja construídas até então. Os estudos

deste período, por conseguinte, configuram-se pelo uso de técnicas rigorosas, inventário de fontes, crítica documental e abordagem da Igreja enquanto comunidade (“povo do Deus”), possibilitando a inclusão de personagens historicamente marginalizados (índios, negros, mulheres, leigos), o que sinaliza para um perfil menos conservador, da chamada História da Igreja. (p.114-115)

A Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA) foi fundada em 1973, em Quito, no Equador, por Henrique Dussel, filósofo e historiador argentino, num contexto de adesão à Teoria da Libertação por parte teólogos e agentes de pastoral. O projeto foi responsável pela instrução de uma série de empreendimentos temáticos, que variaram no uso de fontes, metodologia e recortes espaciais. Os estudiosos do CEHILA entendiam que a religião está diretamente ligada “a tempos e espaços determinados, em meio às estruturas de poder vigente”, possibilitando a maior compreensão da relação Igreja/Estado/fiéis, sobretudo por meio dos conceitos de “Cristandade” e “catolicismo popular” (p. 122). No Brasil, o CEHILA foi encabeçado por Eduardo Hoornaert, Riolando Azzi e José Oscar Beozzo. Eles foram responsáveis pela produção de “História da Igreja no Brasil; ensaio de interpretação a partir do povo” (1979).

Até o momento, percebe-se que a prática da escrita histórica esteve, em grande parte de sua trajetória, entrelaçada com as crenças cristãs, especialmente vinculada às ordens religiosas. Desde a Antiguidade até a Modernidade, foi elaborada uma narrativa centrada no cristianismo e em seus conflitos internos. Somente no século XVIII, a História foi reconhecida como uma disciplina independente, inserindo-se nas instituições de ensino superior. No entanto, mesmo com essa autonomia aparente, a Igreja Católica continuou a influenciar significativamente os debates religiosos, incentivando pesquisas e incorporando personagens historicamente marginalizados por ela mesma. Nesse contexto, a chegada da Nova História Cultural e a aplicação de seus conceitos são fundamentais para proporcionar novas perspectivas sobre a temática religiosa, como a que apresento aqui.

CAPÍTULO 2 - O PERCURSO DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Neste segundo capítulo, propõe-se uma análise da evolução da historiografia brasileira e sua repercussão nos estudos relacionados às religiões de matriz africana, com foco especial nas pesquisas provenientes das instituições de ensino superior situadas na Amazônia. Dessa forma, almeja-se compreender as razões pelas quais as Religiões de Matriz Africana foram abordadas de forma limitada no campo da História nesta região.

Em artigo publicado em 2011, Estevão Rezende Martins propôs uma periodização da Historiografia produzida no Brasil, baseando-se nos processos de institucionalização, profissionalização e expansão do campo. Denominou “desbravadores” a geração de autores do século XIX “sem específica prática historiográfica formal”, que tomou “temas de história como objeto de sua reflexão e os coloca como objetivo de suas explicações”³.

Neste primeiro momento, a religião não era um tema com produção expressiva de historiadores, mesmo que Eduardo Gusmão Quadros tenha afirmado, por exemplo, que “a história do cristianismo no Brasil nasceu concomitante àquilo que costumamos denominar historiografia brasileira”. (2006, p.02). Segundo Jaqueline Hermann (1997), o tema é observado, de forma inicial e depreciativa, pelos precursores das Ciências Sociais. Orientados pelo positivismo, darwinismo social e evolucionista, eles buscavam explicar o nível de desenvolvimento do Brasil em comparação às sociedades europeias, com a finalidade de constituir elementos para a superação do “atraso” e fortalecimento da “nacionalidade”.

Em relação às religiosidades populares, onde inserem-se as de matrizes africanas, Hermann destaca os estudos de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Gilberto Freyre e Roger Bastide como fundamentais, cada um à sua maneira, para entendimento desta fase inicial⁴. (HERMANN, 1997, p. 498-504). Origina-se, com eles e outros autores, a chamada “corrente

³ O estabelecimento da sede do império no Rio de Janeiro e, posteriormente, a independência do Brasil em 1822 estipulam marcos temporais que incentivam a busca de sentido e orientação para o fato histórico que modifica as condições de ser e agir no país [...] Essa questão foi inaugurada, por assim, dizer no famoso concurso de 1840 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (fundado em 1838), em que foi premiado um alemão Carl von Martius, com a monografia “Como se deve escrever a história do Brasil”. (p.203-204)

⁴ Considero importante, nesse primeiro momento, pontuar que essas classificações (momentos, fases, etapas) compreendem determinados períodos históricos caracterizados pela preponderância de reflexões teóricas e metodológicas específicas em relação aos estudos sobre as religiões afro-brasileiras. Porém, isso não significa que, mesmo que a classificação tenha um caráter generalizante, estudos da “corrente africanista” estejam presentes a partir da década de 1970, aonde a perspectiva sociológica torna-se hegemônica, por exemplo.

africanista”, que predominou do final do séc. XIX à década de 1940 e preocupava-se com “descrições dos sistemas de culto, objetos rituais, símbolos, mitos, por meio de perspectivas posteriormente chamadas ou de histórico-evolucionistas”, buscando identificar as “sobrevivências africanas” (BANAGGIA, 2008).

Paralelamente a estes estudos, na França, a historiografia tradicional modificava-se consideravelmente. A revista dos *Annales* promoveu, a partir da década de 1920, um profícuo diálogo com a economia, antropologia, sociologia, psicologia e geografia. Ampliou-se a noção de fonte e as possibilidades de abordagem do tema “religião”, na chamada *Nova História* (ALBUQUERQUE, 2007). O historiador Sérgio da Mata (2010) elencou três características fundamentais para o entendimento deste processo de ampliação de abordagem da temática, a saber:

(a) o fenômeno religioso passa a ser contemplado em todas as suas formas, institucionalizadas ou não; (b) não há qualquer pretensão de centralidade do cristianismo; e (c) os pressupostos teológicos tornam-se um corpo estranho na história das religiões. (p. 65)

Este processo também influenciou mudanças na historiografia brasileira, sobretudo a partir da criação do sistema de pós-graduação, em 1931, com a publicação do Decreto nº 19.851. De acordo com Amélia Artes & Jesús Mena-Chalco (2017), nos anos subsequentes, organizaram-se diversos cursos, maioritariamente desenvolvidos em universidades públicas, tendo o Estado Brasileiro como agente principal na organização e normatização.

Neste contexto, os historiadores brasileiros iniciam a introdução do método histórico na coleta, análise dos dados e contextualização dos temas pesquisa. Ocorre, então, a transição da fase dos coletores de dados (“desbravadores”) para os analistas (“pioneiro”). Destacam-se, aqui, as obras *Raízes do Brasil* (1936) e *Casa Grande e Senzala* (1933), de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, respectivamente (MARTINS, 2011) Glezer, Capelato & Ferlini, no texto “A escola uspiana de História” (1995), afirmam:

“O cruzamento do modo francês de fazer história, com a historiografia tradicional brasileira e com a preocupação de explicar, de forma ampla, o passado, incentivou os estudos de História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, iniciou os estudos de História da América, valorizou e redimensionou o Período Colonial, abriu novas perspectivas para a análise do Império e sedimentou a historiografia sobre o Brasil Contemporâneo. Mas, além disso, definiu uma forma de trabalho com marcas características: base erudita, rigor metodológico, coerência interna do trabalho, interdisciplinaridade e relacionamento.” (R. Glezer, M. H. Capelato, V. Ferlini apud MARTINS, 2011, p. 206)

O período de 1930 a 1970, por sua vez, ficou marcado pela profissionalização dos historiadores brasileiros. Nesta etapa de desenvolvimento, a prática científica afirmou-se com a institucionalização dos cursos de licenciatura e bacharelado em História, bem como as

especializações (doutorado, livre-docência e cátedra). Amélia Artes e Jesús Mena-Chalco (2017) realizaram um levantamento da temática racial no banco de teses e dissertações da Capes, entre 1987 a 2011, e, ao descreverem o início desta etapa, ressaltam a importância da regulação, por parte do Estado Brasileiro, do sistema de pós-graduação.

A pós-graduação no Brasil inicia-se em 1931, com a publicação do Decreto nº 19.851, no qual o então ministro da Educação, Francisco Campos, determinava: “investigação científica em quaisquer domínios dos conhecimentos humanos (art. 1º) como finalidade do ensino universitário” (CURY, 2005, p. 7). Instituíram-se, assim, os cursos de aperfeiçoamento e de especialização visando à ampliação do conhecimento nos campos profissional e científico. Nos anos seguintes, vários cursos de pós-graduação foram organizados, dentre esses o doutorado na Universidade de Minas, atual Universidade Federal de Minas Gerais (anos de 1930) e os que surgiram com a criação da Universidade de São Paulo (1941). Enquanto os cursos de graduação no Brasil ocorrem predominantemente em instituições privadas de ensino, conforme amplamente discutido na literatura (VONBUN; MENDONÇA, 2012; DOURADO, 2005; CARVALHO, 2002; CORBUCCI, 2002), a pós-graduação se desenvolveu majoritariamente em universidades públicas, tendo o Estado Brasileiro um papel central tanto na sua organização como na sua normatização. (p. 1223)

De acordo com Martins (2011) o cenário dos primeiros doutorados "profissionais" na Universidade de São Paulo (USP), entre 1951 e 1973, apresenta uma notável abertura e inovação temáticas observadas nessa primeira geração de teses. Todavia, nota-se que, apesar da expressiva quantidade, os temas abordados ainda se enquadravam nas categorias tradicionais dos currículos universitários europeus, especialmente do sistema francês. A menção de algumas categorias indica que, apesar da expansão da produção de doutorados, a temática das teses continuava a seguir uma estrutura clássica de classificação acadêmica:

Já se constata, na primeira geração de doutorados ‘profissionais’ produzidos na USP, entre 1951 e 1973, a abertura e a inovação temáticas. Foram defendidas 83 teses de doutorado o número é expressivo, pois em duas décadas concede-se titulação a mais profissionais do que em todo o tempo precedente. Os assuntos se enquadram ainda dentro da classificação formal clássica dos currículos universitários europeus, em especial do francês: História Antiga; História Medieval; História Moderna; História Contemporânea; História da América; História do Brasil Colônia; História do Brasil Império; História do Brasil República. (MARTINS, 2011, p. 208)

Foco desta pesquisa, a última fase demarca a expansão do campo. A Historiografia Brasileira Contemporânea⁵ compreende o período iniciado na década de 1970, caracterizado pela expansão dos programas de pós-graduação em História, regulados e avaliados pelo

⁵ A historiografia brasileira contemporânea abarca pelo menos dois grandes grupos de investigações: um, genérico, diz respeito à história escrita no Brasil e desde suas perspectivas de interesse e análise; outro, específico, relativo à história que tem o Brasil, de uma ou outra forma, como objeto. Neste segundo grupo está incluída a historiografia dita “brasileirista”, produzida sobretudo fora do país, notadamente nos Estados Unidos e na Europa. (p.201)

Estado, que resultou num processo de estabilidade profissional e homogeneidade formativa dos historiadores. Para isso, houve a transição das cátedras para o regime departamental, com objetivo de mudar a formação com ênfase ao trabalho no ensino básico para a formação “massificada” de pesquisadores profissionais. Outrossim, aumentaram-se as publicações de coletâneas sobre epistemologia da História, raramente traduzidas para a língua portuguesa, bem como a criação de periódicos e associações. Este movimento demarcou um novo momento de reflexão teórica e metodológica na historiografia, no Brasil (MARTINS, 2011, p. 210-211; ARAÚJO, 2017, p. 90; OHARA, 2017, p.34).

[...] a ampliação dos Programas de Pós-graduação e a consolidação das ciências sociais da religião nas universidades abriu espaço para trocas cada vez mais ricas e instigantes entre acadêmicos e religiosos, ampliando sobremaneira o debate conceitual e as possibilidades de pesquisa, com financiamentos provenientes tanto da igreja quanto de órgãos de fomento estatais. Desde então, é possível dizer que os trabalhos redigidos por religiosos e aqueles produzidos a partir de projetos e grupos de pesquisa sem nenhuma vinculação eclesial se enriquecem e complementam mutuamente.

No levantamento de Artes e Mena-Chalco (2017), citado anteriormente, buscou-se analisar o desenvolvimento da temática das relações raciais no banco de teses e dissertações da Capes. Contatou-se produção científica envolvendo a temática racial, no período de 1987 a 2010, foi majoritariamente desenvolvida por mulheres. Na análise dos censos demográficos de 2000 e 2010, as autoras identificaram que, por sexo, houve maior crescimento da titulação de mulheres (192,92%) em relação aos homens (130,70%). Em 2010, a pós-graduação brasileira era ocupada da seguinte forma: 53,5% por mulheres e 46,5% por homens. Pelo critério cor/raça, as pessoas negras totalizaram um crescimento de 321,07%, enquanto as pessoas brancas cresceram 137,71%, no mesmo período. Entretanto, a diferença entre brancos e negros persistiu: em 2010, brancos representavam 73,2% dos estudantes de pós-graduação, enquanto negros representavam apenas 24,8%. Neste período de grande acesso de pessoas negras à pós-graduação, é digno de destaque as políticas de ações afirmativas de acesso e permanência desenvolvidas pelo Estado, como destacam as autoras:

As ações afirmativas, inicialmente propostas em algumas universidades estaduais, por meio da modalidade cotas e posteriormente complementadas com o Prouni e Fies ampliaram a presença de negros nos cursos de graduação, condição para o acesso à pósgraduação (PAIXÃO, 2010; MOEHLECKE, 2002; SILVERIO, 2002). As discussões suscitadas pela institucionalização do ingresso diferenciado de negros no ensino superior consolidaram-se na academia e alcançaram a pós-graduação. Nos últimos anos algumas universidades já implementaram cotas nos processos seletivos para ingresso na pós-graduação (CERQUEIRA; ROBERTO, 2014). Experiências inovadoras foram desenvolvidas anteriormente (entre os anos de 2000 e 2010) e auxiliaram no acesso de negros e indígenas ao concorrido e valorizado espaço da pósgraduação brasileira: o Concurso Negros e Educação, organizado pela Ação Educativa e ANPEd (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação) que financiou projetos na graduação e pós-graduação entre 1994 e 2006; e o Programa Bolsa, gerenciado pela Fundação Carlos Chagas, que entre os anos de

2001 e 2012, acompanhou oito turmas de bolsistas em programas de mestrado e doutorado no país. Ambos os projetos financiados com recursos da Fundação Ford. Se o número de beneficiários desses programas, aparentemente, tem um impacto pouco significativo do ponto de vista quantitativo, esses programas foram fundamentais na explicitação da pouca presença de negros e indígenas nestes espaços de saberes, na ampliação das temáticas estudadas na graduação e na pós-graduação e na inserção de pesquisadores negros em grupos de pesquisa, núcleos de estudo e/ou como docentes em instituições de ensino superior. (Artes e Mena-Chalco, 2017, p.1227)

Neste período, também se constatou um crescimento mais regular de dissertações em relação às teses. As teses tiveram maior número de produções em relação às dissertações de 1987 até 1992, após isso, apenas nos anos de 2001 e 2004 teses foram mais produzidas em relação ao número total de trabalhos registrados na Plataforma Lattes. Já quando se analisou a proporção de trabalhos com a temática racial no campo das ciências humanas em relação ao número total de trabalhos registrados na Plataforma Lattes, as teses foram mais produzidas que dissertações de 1987 a 1992, em 2001 e 2004. Também houve pico de produções de teses em 2008 e 2010. O crescimento de dissertações manteve-se mais regular. É digno de nota a queda brusca de produção no ano de 2002.

Ademais, outros dois aspectos deste trabalho são fundamentais para a nossa pesquisa: o desenvolvimento da temática na área de História e a Região Norte. De acordo com as autoras, as regiões Norte e Nordeste são identificadas como “carentes” desde o primeiro Plano Nacional de Pós-Graduação, mas apenas no quinto (2005-2010) apresentam-se “propostas concretas de políticas de indução para alteração dessas desigualdades”. Os dados fornecidos pelo PNPG 2005-2010 demonstram que a região Sudeste concentrava a maior parte dos cursos de pós-graduação: 83,2% dos cursos de doutorado, em 1996; houve uma queda, no ano de 2004, e a porcentagem na região ficou em 66,6%; no ano de 2009, 61,1% dos cursos de mestrado e doutorado eram concentrados nesta região.

As pesquisadoras produziram duas tabelas que elucidam melhor este perfil produtivo. Na primeira, intitulada “Tabela 4 - dez áreas com maior participação na temática das relações raciais”, elas identificaram os cursos de Educação, História, Antropologia, Sociologia, Letras, Psicologia, Artes, Medicina, Saúde Coletiva e Serviço Social, que possuem o maior número de produções sobre relações raciais em seus programas de mestrado e doutorado, no período de 1987 a 2011. Genética e Comunicação também aparecem na tabela, substituindo Artes e Serviço Social na tabela específica para doutorado. A área da Educação lidera a lista tanto no mestrado quanto no doutorado, tendo pesquisadoras mulheres com o maior volume de produção, fator predominante também nas demais áreas, com exceção de História, especificamente no doutorado. A área de História ocupa a segunda colocação no volume de

trabalhos com a temática racial nos cursos de mestrado. Já nos cursos de doutorado, História está em quarto lugar, com a maior presença de pesquisadores do sexo masculino, conforme tabela:

Figura 1 - Dez áreas com maior participação na temática das relações raciais: (a) dissertações de mestrado, (b) teses de doutorado, registradas no BTB da Capes (1987-2011)

(a)						
	Mestrado	Homens		Mulheres		IPG
		N	%	N	%	
1º	Educação	207	19,6	458	25,2	2,2
2º	História	159	15,0	208	11,5	1,3
3º	Antropologia	136	12,9	192	10,6	1,4
4º	Sociologia	101	9,6	123	6,8	1,2
5º	Letras	66	6,2	118	6,5	1,8
6º	Psicologia	34	3,2	90	5,0	2,6
7º	Artes	45	4,3	74	4,1	1,6
8º	Medicina	18	1,7	59	3,3	3,3
9º	Saúde Coletiva	12	1,1	59	3,3	4,9
10º	Serviço Social	4	0,4	47	2,6	11,8
	Total dos 10 com maior participação	782	73,9	1.428	78,7	
	Total geral	1.057		1.814		1,7

(b)						
	Doutorado	Homens		Mulheres		IPG
		N	%	N	%	
1º	Educação	27	9,7	98	20,3	3,6
2º	Antropologia	46	16,5	73	15,1	1,6
3º	Sociologia	33	11,8	51	10,6	1,5
4º	História	51	18,3	44	9,1	0,9
5º	Letras	15	5,4	40	8,3	2,7
6º	Saúde Coletiva	12	4,3	23	4,8	1,9
7º	Psicologia	16	5,7	21	4,3	1,3
8º	Genética	12	4,3	19	3,9	1,6
9º	Medicina	14	5,0	17	3,5	1,2
10º	Comunicação	7	2,5	14	2,9	2,0
	Total dos 10 com maior participação	233	83,5	400	82,8	
	Total geral	279		483		1,7

Fonte: Artes e Mena-Chalco, 2017

Na segunda tabela, o foco está na distribuição dos trabalhos sobre a temática racial por região e unidade federativa, no mesmo período. O Sudeste concentra o maior número de trabalhos com 42,1%, seguido pelo Nordeste com 27,8%, Sul com 14,4%, Norte com 8,3% e Centro-Oeste com 7,4%. As pesquisadoras destacam a sobre-representação do Sudeste e a sub-representação do Norte, além da tendência de alteração neste quadro provocada pelo Nordeste, que é uma das proposições dos PNPGs.

Figura 2 – Distribuição de trabalhos na temática de relações raciais, por região e unidade federativa. Registrados no BTD da Capes (1987-2011)

	Participação na população	Mestrado		Doutorado	
		N	%	N	%
Norte	Amazonas	18	0,5	0	0,0
	Roraima	0	0,0	0	0,0
	Amapá	2	0,0	0	0,0
	Para	59	1,8	10	1,0
	Tocantins	0	0,0	0	0,0
	Rondônia	12	0,3	3	0,3
	Acre	0	0,0	0	0,0
	Total	8,3	91	2,8	13
Nordeste	Maranhão	50	1,5	0	0,0
	Piauí	17	0,5	0	0,0
	Ceará	43	1,3	13	1,4
	Rio Grande do Norte	23	0,7	6	0,6
	Pernambuco	112	3,4	25	2,7
	Paraíba	73	2,2	7	0,7
	Sergipe	12	0,3	2	0,2
	Alagoas	15	0,4	1	0,1
	Bahia	420	12,9	71	7,7
Total	27,8	765	23,6	125	13,6
Centro-oeste	Mato Grosso	82	2,5	0	0,0
	Mato Grosso do Sul	34	1,0	1	0,1
	Goiás	54	1,6	3	0,3
	Distrito Federal	138	4,2	56	6,1
	Total	7,4	308	9,5	60
Sudeste	São Paulo	865	26,7	418	45,6
	Rio de Janeiro	527	16,2	167	18,2
	Espírito Santo	21	0,6	4	0,4
	Minas Gerais	201	6,2	38	4,1
	Total	42,1	1614	49,8	627
Sul	Paraná	111	3,4	5	0,5
	Rio Grande do Sul	253	7,8	70	7,6
	Santa Catarina	96	2,9	16	1,7
	Total	14,4	460	14,2	91

Fonte: Artes e Mena-Chalco (2017, p. 1235)

Como expresso em tela, constatou-se a persistência de assimetrias regionais, apesar das iniciativas estatais. Outra assimetria encontra-se na temática religiosa. Torres-Londoño (2013) analisou um levantamento de José Oscar Beozzo sobre a produção historiográfica sobre religião, realizado partir dos dados da ANPUH, tendo como recorte o período de 1984 a 1994, onde constatou a produção de 38 teses e 127 dissertações, provenientes de 17 cursos de pós-graduação em História. Os temas que predominaram nas abordagens deste período foram, sobretudo, Igreja Católica e Cristianismo (processos inquisitoriais, ordens religiosas,

cristãos-novos, associação de leigos, Ação Católica e atuação dos bispos reformadores) e, em menor número, feiticeiros, blasfemos e manifestações da religiosidade popular. A partir destes dados, Torres-Londoño, argumenta que:

Ao mesmo tempo e ao contrário da Historiografia do CEHILA, que mesmo crítica e ecumênica se faz segundo a confessionalidade, esta nova Historiografia que nasce através desses doutorados e mestrados leva de fato até hoje o sinal do que Michel Lagrée chamou de “agnosticismo metodológico”. (Torres-Londño, 2013, p.134)

Algumas iniciativas tentaram ampliar e elevar os debates na área. Uma delas foi encabeçada pelos professores da Universidade Estadual Paulista de Assis (Unes) com a criação da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), em 1999, e filiação à *Internacional Association for the History of Religions* (IAHR), principal associação de estudiosos da religião no mundo, em 2001, foi uma dessas alternativas, e publica, desde então, pesquisas sobre o tema. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 10).

O livro intitulado *História das religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos*, resultado do IV Simpósio da ABHR, tem o objetivo de apresentar o primeiro balanço da historiografia das religiões no Brasil (MANOEL & DE FREITAS, 2007). Nele, as religiões de matriz africana ocuparam espaços de comentários superficiais, ao invés da necessária análise aprofundada. Mesmo com o distanciamento temporal da análise, concordamos com Albuquerque (2007) quando pontuou que a temática da religião insere-se “como um apêndice a ser tolerado” em congressos de historiadores, apesar de algumas iniciativas.

Raymundo Heraldo Maués, em entrevista, fez um panorama sobre os estudos de religião na Amazônia brasileira. Para ele, a concentração das produções acadêmicas no Estado do Pará, especialmente na capital Belém, dá-se pela “tradição” do Museu Emílio Goeldi, a partir dos estudos sobre religiões do antropólogo Eduardo Galvão, seguido por Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino, que se dedicaram às religiões de matriz africana na capital paraense e, no interior do estado, ao catolicismo e à pajelança. Também cita a influência destes pesquisadores na Universidade Federal do Pará (UFPA), especialmente no Laboratório de Antropologia, que mais recentemente tem realizado pesquisas nas igrejas protestantes, especialmente as que adotam o pentecostalismo. Ressalta a criação recente da graduação e do mestrado em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará (UEPA), “primeira universidade pública no Brasil que integrou os dois cursos”, o que impulsionou, ainda mais, o desenvolvimento da pesquisa científica com a temática (SILVEIRA & REIS, 2015, p.16-17)

Os estudos sobre as religiões de matriz africana, na área da História, são descritos da seguinte forma por Maués:

Algum tempo atrás, contrariando uma falsa ideia muito difundida de que os negros tiveram pouca importância na história colonial amazônica, trabalhos de historiadores vieram complementar um estudo histórico desenvolvido sobre a vinda de escravos negros para a Amazônia desde o século XVII, publicado por Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino. E o Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão Pará (1763-1769), publicado em 1978 pelo historiador J. R. Amaral Lapa, mostra a importância da presença negra na Amazônia no século XVIII, descrevendo também rituais de cultos afro-brasileiros e xamânicos nesse mesmo século. (SILVEIRA & REIS, 2015, p. 20-21)

Ele indica, portanto, a existência de uma Historiografia sobre as religiões de matriz africana na região, a partir da década de 1980, mas não aprofunda, devido, em parte, às limitações da entrevista. Esse “não aprofundamento” pode ser explicado, também, pelas pesquisas caracterizarem-se de modo “agregado em vez de integrado”, no qual vigora a “quase total ausência de diálogo entre os vários pesquisadores”, que parecem conduzir “suas pesquisas e publicar seus resultados em ignorância mútua” (BANAGGIA, 2008, p. 5). Outro aspecto importante é levantado por Marta Valéria de Lima (2013):

Historicamente os especialistas e pesquisas na área de história demonstraram pouco interesse por investigar esse campo de estudos. Na região amazônica são raríssimos os trabalhos de pesquisa histórica relacionados com este tema. Predominaram as pesquisas antropológicas e sociológicas nesta área. [...]. Ao nosso modo de entender essa situação acusa táticas conscientes e inconscientes de exclusões, controles e silenciamentos que perpetuam atos concretos de violência simbólica (Michel de Certeau, 1996; Bourdieu, 1998) a que foram socialmente submetidas as populações negras e seus descendentes no Brasil. (p. 4)

Portanto, este segundo capítulo demonstra que a trajetória da Historiografia Brasileira Contemporânea se institucionaliza, profissionaliza e expande seu campo nos últimos 50 anos, introduzindo o método histórico na coleta, análise dos dados e contextualização dos temas pesquisa nos programas de pós-graduação, demonstrando, assim, os avanços na área com produções científicas publicadas regularmente, assim como a criação de associações e periódicos. Destaca-se o protagonismo feminino neste processo, sobretudo quando analisado a proposição de estudos relacionados às relações raciais, onde inserem-se as religiões de matriz africana.

As políticas de ações afirmativas foram e são de suma importância para a mudança social, política, econômica e cultural deste país. No Campo Científico, ao comparar os Censos de 2000 e 2010, notou-se a alteração no número de publicações relacionadas às temáticas raciais concomitantemente à inserção do maior número de pessoas negras ingressando nos programas de pós-graduação. Digno de destaque, os PNPGs contribuíram significativamente para amenizar as assimetrias regionais, mas ainda há a necessidade de ampliação, fomento e

manutenção destas políticas. A região Norte, foco desta pesquisa, apresenta números irrisórios quando comparada à própria população.

Outra constatação é a assimetria dentro da temática religiosa na Historiografia Brasileira Contemporânea. Temas como Igreja Católica e Cristianismo foram maioria nas produções científicas de historiadores até meados dos anos 2000, restando pouco espaço para as religiões de matriz africana até nas iniciativas que tentaram agregar pesquisadores da área. Na região Norte, o Estado do Pará é historicamente responsável pela maior profusão do tema, mas os números também ressaltam o grande volume de produção desenvolvida em Rondônia, como veremos no capítulo a seguir

CAPÍTULO 3 - PERFIL DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA SOBRE AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA REGIÃO NORTE

Este capítulo é apresentado como uma narrativa que procura conciliar uma organização cronológica com a produção historiográfica contemporânea sobre as religiões de matrizes africanas, na Amazônia brasileira. Nas próximas linhas, minha intenção é analisar essas produções, identificando um perfil por meio das categorias: nome, gênero, título, tipologia, área de concentração e/ou linha de pesquisa, universidade e ano de publicação.

Destarte, como já mencionado, a produção historiográfica no qual deslocamos esforços diz respeito a teses, dissertações, livros, capítulos de livros e artigos científicos, publicados por historiadores brasileiros em contexto nacional sobre as Religiões de Matriz Africana. Foram coletados trabalhos de pesquisadores que possuem graduação em História e que realizaram estudos sobre o tema. Dividi o levantamento em três etapas, descritas a seguir.

Primeiramente, realizei o levantamento dessa produção por meio dos seguintes buscadores acadêmicos eletrônicos: Google Acadêmico, Scielo, Domínio Público, Catálogo de Teses e Dissertações e Portal de Periódico da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Direcionamos, também, as buscas aos bancos de teses e dissertações dos programas de pós-graduação em História da região das universidades brasileiras.

Para isso, defini 10 descritores. Eles são utilizados para caracterizar um trabalho baseado nas informações registradas na apresentação da produção acadêmica: título, resumo, palavras-chave, área de conhecimento, áreas afins e linha(s) de pesquisa. Na busca, varia em grau e, quando possível, sexo (masculino e feminino). São eles: Candomblé, Calundu, Umbanda, Tambor-de-Mina, Pajelança, afro-brasileira, afro-brasileiras, afro-brasileiro, afro-brasileiros, afrodescendente, afrodescendentes.

Com o propósito de identificar potenciais outras contribuições relacionadas à temática, a segunda fase da pesquisa envolveu a consulta aos perfis registrados na Plataforma Lattes dos pesquisadores identificados nas primeiras buscas. Concluí a coleta de informações complementares ao explorar as referências citadas nos trabalhos descobertos anteriormente. Dessas investigações, compilei um total de 103 produções.

Para agilizar o processo de coleta, elaborei um levantamento utilizando três tabelas diferentes para uma melhor sistematização dos dados: "Levantamento da Historiografia

sobre Religiões de Matriz Africana no Brasil", "Levantamento dos Grupos de Pesquisa em História" e "Levantamento dos Grupos de Pesquisa em Religião e Religiosidade".

O capítulo em questão será dividido em duas partes. A primeira, intitulada “Perfil da Historiografia das Religiões de Matriz Africana no Brasil”, tem o propósito de, a partir da coleta de dados sobre o número de produções relacionadas às religiões de matriz africana no Brasil, correlacionar essas produções com diferentes variáveis, tais como nome, gênero, título da obra, tipologia, área de concentração e/ou linha de pesquisa, universidade e ano de publicação, afim de caracterizar essas produções, possibilitando um perfil abrangente da historiografia nacional sobre o tema. A segunda por sua vez, chamada de "Perfil da Historiografia das Religiões de Matriz Africana na Região Norte", concentra-se na caracterização mais específica da produção relacionada às religiões de matriz africana na Região Norte do Brasil. Utilizando critérios adicionais derivados da análise realizada na primeira parte, busca-se um perfil mais detalhado, considerando as características particulares dessa região. O intuito é aprofundar a compreensão das dinâmicas e características específicas das produções acadêmicas sobre esse tema na Região Norte.

3.1 Perfil da Historiografia das Religiões de Matriz Africana no Brasil

O Levantamento da Historiografia das Religiões de Matriz Africana no Brasil contém 103 publicações, que foram coletadas nos registros do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, até 2017. Cabe justificar, de antemão, que este exercício foi extremamente necessário uma vez que não tínhamos referência sobre a amplitude da produção brasileira sobre este tema e, por conseguinte, o seu impacto na região Norte. Também é preciso mencionar que a coleta realizada nesta etapa limitou-se ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes devido à escassez de recursos humanos e financeiros.

Para a organização das tabelas de acordo com os problemas desta pesquisa, selecionamos 7 identificadores: autor(a), gênero, título da obra, área de concentração e/ou linha de pesquisa, tipologia, Universidade e ano de publicação. A tabela foi dividida de acordo com as cinco regiões brasileiras (Centro-Oeste, Norte, Nordeste, Sul, Sudeste) e, em cada uma delas, subdivididas pelos Estados que as compõem.

REGIÃO SUL:

Na região Sul, identificamos 10 publicações, sendo 8 dissertações e 2 teses. 3 destas produções encontram-se no Paraná. Em 2008, Lourival Andrade Júnior apresentou a Tese “Da

barraca ao túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção” à Universidade Federal do Paraná (UFPR) e, no ano seguinte, Ana Paula Nadalini defendeu a dissertação intitulada “Comida de Santo na cozinha dos homens: um estudo da ponte entre alimentação e religião”, pela mesma instituição. A pesquisadora Tereza de Fátima Mascarin, em 2014, produziu “Comida de Orixás: A culinária no Terreiro Ilê Ast’Oyá Onirá em Sarandi – PR”, dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mais 2 obras, todas em formato de dissertação, foram identificadas no Rio Grande do Sul, são elas: “Muzungas: Consumo e manuseio de químicas por escravos e libertos no Rio Grande do Sul (1828-1888)”, de Roger Costa da Silva, dissertação publicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), em 2001, e “Moab Caldas: discursos que rompem os silêncios na Tribuna Sul Rio-Grandense (1958-1966)”, de Gilvan Silveira Moraes, com publicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 2017. Em Santa Catarina houve o maior número de produções nesta região, são 4 dissertações e 1 tese. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi a responsável pelas publicações sobre o tema de 1999 à 2015. O primeiro trabalho registrado com a temática é de Márcia Alves, intitula-se “Entre a folia e a sacristia: as (re)significações e intervenções da Elite Clerical e Civil na Festa do Divino em Florianópolis (1896-1925)”, e foi publicado em 1999. O segundo aparece dez anos depois, com a dissertação “Revista Espiritual de Umbanda: Tradição e tensões no campo umbandista”, de André de Oliveira Pinheiro, pela mesma instituição. Gerson Machado registra a primeira tese, com o título “Os Atabaques da Manchester: Subjetividades, Trajetórias e Identidades Religiosas Afro-brasileiras em Joinville/SC (Décadas de 1980-2000)”, em 2012. A pesquisadora Anahy Sobenes, defendeu em 2015, a dissertação com o título “Jubiabá: Cartilha para feiticeiros e Comunistas”. No ano seguinte, aparece a primeira publicação fora da UFSC e a última deste levantamento. Trata-se ““Trajetória de luz e encanto’: discursos e narrativas sobre Mãe Malvina (1970-2016, Florianópolis/SC)”, de Beatriz Pereira da Silva, publicada pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em 2016. A autoria divide-se entre 5 mulheres e 5 homens. As únicas 2 teses foram escritas por homens. As obras nesta região datam de 1999 a 2017.

Aqui, encontramos 6 Áreas de Concentração. A “História Cultural” concentrou o maior número de pesquisas nesta região, totalizando 4 trabalhos. Em seguida, com 2 obras, “História, Cultura e Sociedade”. As demais áreas são: “Política, Movimentos Populacionais e Sociais”, “História das Sociedades Ibéricas e Americanas”, “História, Poder e Cultura”, “História do Tempo Presente”. Em relação às Linhas de Pesquisa, tem destaque “Cultura e Poder” com 2 trabalhos. As seguintes Linhas de Pesquisa foram responsáveis por um trabalho cada:

“Instituições e História das Ideias”, “Fronteira, Política e Sociedade”, “História da Historiografia, Arte, Memória e Patrimônio” e “Linguagens e Identificações”. Em 4 produções, não identifiquei sua Linha.

REGIÃO SUDESTE:

Já no Sudeste, o número total de publicações coletadas foi de 53, divididas em 36 dissertações e 17 teses. que se dividem da seguinte forma pelos estados: no Espírito Santo (ES), 2 dissertações; em Minas Gerais (MG), são 8 dissertações e 1 tese; foram contabilizadas 16 dissertações e 5 teses, no Rio de Janeiro (RJ); já em São Paulo (SP), 10 dissertações e 11 teses. Nesta região, as publicações datam de 1999 a 2017.

ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo registrou duas dissertações na plataforma pesquisada, ambas produzidas por mulheres. A primeira, de 2004, é de autoria de Silvia de Souza Dias, intitulada “O bairro Zumbi na perspectiva de território negro e lugar de práticas culturais afro-brasileiras em Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo”, defendido na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A segunda produção é de responsabilidade de Ludimila Noeme Santos Portela e tem por título “O Malleus Maleficarum e o discurso cristão ocidental contrário à bruxaria e ao feminino no século XV”, foi registrada em 2012, também pela mesma instituição.

MINAS GERAIS

No Estado de Minas Gerais, 9 obras foram registradas, sendo 8 dissertações e 1 tese. As duas pesquisadoras presentes neste levantamento publicaram dissertações e a única tese foi escrita por um homem. A primeira produção na temática foi realizada no formato de dissertação por Marcelo Rodrigues Dias, em 2010, sob o título “Repressão ao curandeirismo nas Minas Gerais na segunda metade do oitocentos”, apresentada à Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). No ano seguinte, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com o mesmo formato, Rodrigo Barbosa Lopes publicou “Olhares sobre a Umbanda: O cultuar de orixás na e pela cidade de Uberlândia (1930/1940 e 1990/2000)”. Giulliano Glória de Sousa, em 2012, defendeu “Negros feiticeiros das Geraes: Práticas mágicas e cultos africanos em Minas Gerais, 1748-1800”, dissertação apresentada à UFSJ. “Lavras enfeitçadas: curadores, benzedores, adivinhos e feiticeiros nas Minas Setecentistas” é título do trabalho de Igor Guedes de Carvalho, resultado de seu mestrado na UFJF, defendido em 2013. Já no ano de 2016, dois trabalhos surgem como resultado da pós-graduação da UFSJ, são eles: “Feitiçaria e escravidão: as artes mágicas como mecanismo de resistência nas Minas Gerais (1700-1821)” e “FACES DO FEITIÇO:

Os feiticeros e suas práticas mágicas nas Minas setecentistas (1748-1821)”, de João Antônio Damasceno Moreira e Larissa Freire Ferreira, respectivamente. No mesmo ano, só que pela UFU, Tadeu Pereira do Santos apresenta a primeira tese com a temática no Estado, intitulada “Entre Grande Otela e Sebastião: tramas, representações e memórias”. Livia Lima Rezende apresenta “Força africana, força divina: a memória da escravidão recriada na figura umbandista dos pretos-velhos”, pela UFSJ, em 2017. A última obra presente no levantamento neste Estado é de Eduardo Augusto Vieira Vaz, também apresentado à UFJF, “Crimes e acusações de feitiçaria entre os ajáuas, 1920 a 1940”, em 2017.

RIO DE JANEIRO

Até 2017, o Estado do Rio de Janeiro produziu 21 obras, sendo 16 Dissertações e 5 Teses. Na primeira década dos anos 2000, foram contabilizadas 9 obras na plataforma. Os trabalhos iniciam em 2000, na Universidade Federal Fluminense (UFF), com a tese “Metrópole das mandingas: Religiosidade negra e inquisição portuguesa no antigo regime”, de Daniela Buono Calainho. Em 2002, agora pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Bianca Guimarães da Silva defendeu a primeira Dissertação do Estado: “Feitiços e feiticeros das Geraes - Política e cultura na capitania de Minas Gerais no século XVIII”. Em 2005, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), “Cartas de Perdão: um estudo sobre a feitiçaria no medievo português (século XV)” é defendida em formato de dissertação por Beatris dos Santos Gonçalves. 3 produções científicas são publicadas no ano de 2007. Na UFF, Flávio Gonçalves dos Santos defende a Tese “Economia e Cultura do Candomblé na Bahia: o comércio de objetos litúrgicos afro-brasileiros 1850/1937” e Rogério Garcia Capelli a dissertação “Saindo da Rota: uma discussão sobre a pureza na religiosidade afro-brasileira.” José Henrique Motta de Oliveira, pela UFRJ, apresenta a dissertação “Entre a macumba e o espiritismo: uma análise comparativa das estratégias de legitimação da Umbanda durante o Estado Novo” no mesmo ano. Nos últimos 3 anos da década citada há 3 produções em cada ano. Em 2008, Érika do Nascimento Pinheiro Mendes apresenta a dissertação “O Espetáculo das Águas: Um estudo sobre o ritual das Águas de Oxalá do Axé Opô Afonjá - século XIX” pela UERJ. No ano seguinte, em tese defendida pela UFF, Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior dá publicidade à “Imagens do Candomblé e da Umbanda: etnicidade e religião no cinema brasileiro nos anos 1970”. Marcela Melo de Carvalho encerra a primeira década de produção no Rio de Janeiro, com a dissertação “Babel da crença: candomblés e religiosidade na belle époque carioca”, apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO).

De 2010 a 2017, mais 12 obras surgem, demonstrando um crescimento considerável na produção acadêmica carioca. Só em 2012, 3 dissertações foram apresentadas. Pela UFF, temos Leandro Manhães Silveira, com “Nas trilhas de sambistas e "povo do santo": memórias, cultura e territórios negros na cidade do Rio de Janeiro (1905-1950)” e Elizabeth Castelano Gama, com “Mulato, homossexual e macumbeiro: que rei é este? Trajetória de Joãozinho da Goméia (1914-1971)”. Juliana Torres Rodrigues Pereira apresentou, pela UFRJ, “Bruxas e demônios no Arcebispado de Braga: uma análise da visitação inquisitorial de 1565”. O ano de 2013 nos trouxe a dissertação de Pedro Guimarães Pimentel, “Emergência e Legitimação da Linha Branca de Umbanda e Demanda: conflitos ideológicos na conformação teológica, 1890-1941”, apresentado à PUC-RJ. Mais 2 dissertações são apresentadas em 2014, ambas pela UERJ, a saber: “Descendentes de Eva: religiosidade colonial e condição feminina na Primeira Visitação do Santo Ofício à América portuguesa (1591-1595)”, de Marcus Vinícius Reis e “‘Tem, tem, a baianinha tem’: De prática cotidiana, comida de orixás a patrimônio cultural”, de Débora Simões de Souza. Em 2015, temos mais 2 dissertações. Bruno Rodrigues Pimentel, pela UERJ, deu vida à “As representações do Universo Mítico do candomblé Baiano pela Perspectiva de Carybé”. Por sua vez, Nathalia Goudinho de Souza Silva, pela UFF, apresentou “A repressão policial às religiões de matriz afro-brasileiras no Estado Novo (1937-1945)”. 2016 contou com a defesa da dissertação “O último capítulo de uma história: curandeirismo e feitiçaria no Grão-Pará, Século XVIII”, de Virgínia Goudinho de Souza Silva, pela UERJ. O levantamento das produções do Estado do Rio de Janeiro encerra em 2017, com dois trabalhos apresentados à UFF e um à UFRJ. Pela UFF, trata-se da dissertação de Caio Sérgio de Moraes Santos e Silva, intitulada “Feiticeiros no cotidiano carioca durante as décadas iniciais da Primeira República - 1890 a 1910”, e da tese “Feitiço Caboclo: um índio mandingueiro condenado pela Inquisição”, de Luis Rafael Araújo Correa. Por fim, José Henrique Motta de Oliveira apresentou à UFRJ a tese “A Escrita do Sagrado na Literatura Umbandista: uma análise da obra de Matta e Silva em perspectiva Comparada”.

SÃO PAULO

No Estado de São Paulo, a primeira produção com a temática é de autoria de Aldrin Moura de Figueiredo, com o título “A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia: a constituição de um campo de estudo 1870-1950”, trabalho de tese apresentado à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 1996. No ano de 2000, pela mesma Universidade, surge a tese “‘A História do Feiticeiro Juca Rosa’: Cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial”, apresentada por Gabriela dos Reis Sampaio. Em 2001,

surtem duas novas produções. A primeira, “Curandeirismo e feitiçaria: marcas da escravidão no sertão da Farinha Podre (Uberaba, 1854-1864)”, em formato de dissertação, foi defendida por Maria Aparecida Rodrigues Marzan, na Universidade Estadual Paulista (UNESP). A segunda, já em formato de tese, foi apresentada à Universidade de São Paulo (USP) por Márcia Moisés Ribeiro, intitulada “O paradoxo das luzes: demonologia e exorcismos no universo luso-brasileiro, século XVIII”. Marise Glória apresentou a dissertação “Umás Mulheres que Dão no Couro - As Caixeiros do Divino Maranhão” à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2002.

Após 5 anos sem produções sobre a temática neste Estado, a pesquisadora Vilma Maria do Nascimento defendeu a Tese “Sagrado/profano no trato do corpo e da saúde na metrópole negra: Salvador nos anos 1950/1970”, na PUC-SP, em 2007. No ano seguinte, porém, quatro novos trabalhos são apresentados, sendo três teses e uma dissertação. As Teses são: “Malungos do sertão: cotidiano, práticas mágicas e feitiçaria no Mato Grosso setecentista”, de Mário Teixeira de Sá Júnior (UNESP, 2008); “As bolsas de mandinga no espaço Atlântico - século XVII”, de Vanicléia Silva Santos (USP, 2008); e “A casa de Airá : criação e transformação das casas de culto magô- Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Campo Grande – MS”, de Gonçalo Santa Cruz de Souza (USP, 2008). Cecília Maria Ferreira Gonçalves apresentou a dissertação “Mensageiras entre o mundo da tradição e o da contemporaneidade: as mulheres negras do candomblé”, no mesmo ano, à PUC-SP.

No ano de 2009, só há um registro de trabalho na plataforma, em formato de dissertação, de autoria de Luís Cláudio Cardoso Bandeira, intitulado “Entidades africanas em "troca de águas", defendido na PUC-SP. Pela mesma Universidade, em 2011, Cristiano Aparecido de Araujo da Cruz apresentou a dissertação “Meu materialismo não me limita: candomblé e consciência política em Jubiabá de Jorge Amado”. Duas Teses foram produzidas no ano de 2012 na USP, a saber: “Sob a capa negra: necromancia e feitiçaria, curandeirismo e práticas mágicas de homens em Aragão (séculos XVI e XVII)”, de Marcos Antonio Lopes Veiga; e “Nos domínios de Exu e Xangô o Axé nunca se quebra: transformações históricas em religiões afro-brasileiras. São Paulo e Maceió (1970-2000)”, de Irinéia Maria Franco dos Santos. No mesmo ano, Andréa Luciane Rodrigues Mendes defendeu a dissertação “Vestidos de realeza: contribuições centro-africanas no candomblé de Joãozinho da Goméia (1937-1966) de 3 linhas”, pela UNICAMP.

Duas Teses foram publicadas em 2013. A primeira, pela PUC-SP, é de autoria de Luís Cláudio Cardoso Bandeira e tem o título “Rotas e raízes: de ancestrais itinerantes”. A segunda,

já pela USP, carrega o título “As mil faces de João de Minas: a construção do escritor e a repercussão de seus livros no campo literário brasileiro (1927-1989)” e foi produzida por Leandro Antônio de Almeida. Em 2016, Diego Fernando Rodrigues Azorli apresentou a dissertação “Ecos da África Ocidental: o que a mitologia dos orixás nos diz sobre as mulheres africanas do século XIX” à UNESP. No ano de recorte final da presente pesquisa, 2017, 3 produções aparecem em nosso levantamento, todos em formato de dissertação, produzidos na PUC-SP: “Candomblé de São Paulo: fundamentos e tensões de uma comunidade terreiro na metrópole”, de Ana Paula da Silva Fernande; “Brincando com os orixás: ser criança no candomblé”, de Adele Cristiane dos Reis; “Fotografia, cidade e candomblé: a lavagem do Bonfim de Marcel Gautherot”, de Emília Jorge de Aratanha.

Na região Sudeste, entre as 53 produções científicas coletadas, 36 são dissertações e 17 são teses. Os homens pesquisadores produziram juntos 16 dissertações e 11 teses, enquanto as pesquisadoras foram responsáveis pela produção de 20 dissertações e 6 teses. Houve a identificação de 10 Áreas de Concentração e a não identificação em uma ocasião. A “História Social” concentra, aqui, o maior volume de trabalhos, sendo 27 no total. Os demais 25 distribuem-se da seguinte forma: “História Social do Território (5)”, “História, Cultura e Poder” (4), “Poder e Cultura” ou “Cultura e Poder” (4), “História e Cultura” (3), “História Social das Relações Políticas”. (2), “História Comparada” (2), “História Social da Cultura” (2), “História Cultural” (1), “História Econômica” (1), “História Social, Diferenças e Conflitos” (1). Em relação às Linhas de Pesquisa, em 38 dos 54 trabalhos não houve identificação. Os 17 trabalhos dividem-se em 10 Linhas de Pesquisa, a saber: “Narrativas, Imagens e Sociabilidades” (3), “Cultura e Identidade” (2) “Territórios, Identidades E Representações” (2), “História Social, diferenças e conflitos” (2), “Cultura e Sociedade” (1), “Poder e Discurso” (1), “Política e Cultura” (1), “Mundos do Trabalho na Escravidão e na Liberdade” (1), “Escravidão e História Atlântica” (1) e “Cultura, Historiografia e Patrimônio” (1).

REGIÃO CENTRO-OESTE:

O Centro-Oeste, por sua vez, registrou 12 publicações no Catálogo, sendo 2 no Distrito Federal (DF), 8 em Goiás (GO), 2 em Mato Grosso do Sul (MS). Não identificamos nenhuma produção em Mato Grosso (MT). Os dois trabalhos coletados do Distrito Federal foram defendidos na Universidade de Brasília (UnB), por mulheres, no ano de 2005: “Umbanda, Ordem e Progresso: representações das origens, construção identitária e institucionalização da Umbanda pura no Rio de Janeiro (1908-1961)”, dissertação de autoria de Cristina da Silva Britto, e a Tese “Universo Mágico Colonial. Feiticeiros e Inquisidores nos dois primeiros

séculos da colonização do Brasil”, de Hellen Ulhôa Pimentel. Em Goiás, as produções surgem em 2009, com as dissertações de Léo Carrer Nogueira, “Umbanda em Goiânia das origens ao movimento federativo (1948-2003)”, defendida na Universidade Federal de Goiás (UFG), e de Marco Antônio Cunha Torres, esta defendida na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), sob o título “O Silenciar dos Atabaques Trajetória do Candomblé de Ketu em Goiânia”. Em 2011, mais 3 dissertações são publicadas neste Estado. Pela UFG, Clarissa Adjuto Ulhoa e Natália do Carmo Louzada publicam, respectivamente, “Essa terra aqui é de Oxum e Oxóssi: um estudo sobre o Candomblé na cidade de Goiânia” e “Recriando Áfricas: subalternidade e identidade africana no Candomblé Ketu”. Pela PUC-Goiás, “Ayrábeji de Xangô: O cine-transe e sua rubrica etnográfica” tem autoria de Frederico Mael Silva Marques Bueno. No ano de 2013, Camila de Melo Santos defende a dissertação “Os filhos de Xangô: memórias do terreiro de Pai Joaquim de Xangô”, pela PUC-Goiás. Marco Antônio Cunha Torres, em 2015, pela PUC-Goiás, publica “Olhos brancos sobre o Sagrado Negro: a construção da Africanidade nas imagens de Pierre Verger (1902-1996)”, primeira Tese de Doutorado na temática pelo Estado. A segunda aparece na UFG, em 2017, com a obra intitulada “Da África para o Brasil, de Orixá a Egum: as ressignificações de Exu no discurso umbandista”, de Léo Carrer Nogueira. Já em Mato Grosso do Sul, aparece a obra mais antiga desta coleta na região. Trata-se da dissertação “A invenção da alva nação umbandista: a relação entre a produção historiográfica brasileira e a sua influência na produção dos intelectuais da Umbanda (1840-1960)”, publicada em 2004 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), de autoria de Mario Teixeira de Sá Junior. Pelo mesmo Estado, em 2006, Rodrigo Casali defendeu a dissertação “Quando os baianos se pintaram de dourado(s): aspectos das práticas religiosas umbandistas da cidade de Dourados - MS”, pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Do total de obras coletadas no Centro-Oeste, 7 foram produzidas por homens (5 dissertações e 2 teses) e 5 por mulheres (4 dissertações e 1 tese), entre 2004 a 2017. Identifiquei 5 Áreas de Concentração e não identifiquei 1. A área de maior incidência é “Culturas, fronteiras e identidades” com 5 trabalhos, seguida de “Cultura e Poder”, com 3. “História Cultural”, “Sociedade, Política e Cultura” e “História, Região e Identidades” tem 1 trabalho em cada. Já em relação às Linhas de Pesquisa, identificamos 5 e não identificamos 3. Nas 5 encontradas, a distribuição é a seguinte: “Identidades, fronteiras e culturas de imigração” (3), “Educação Histórica e Diversidade Cultural (2)”, “Fronteiras, Interculturalidade e Ensino de História” (2), “Identidade, Tradições, Processos” (1) e “Fronteiras, Identidade e Representações” (1).

REGIÃO NORDESTE:

Na região Nordeste, 24 publicações foram registradas. No Estado de Alagoas, temos duas publicações em formato de dissertação, que foram apresentadas à Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no ano de 2016: “Filhos-de-santo, História e Religião do Candomblé: Narrativa e Experiência do Xangô em Alagoas”, de Adriana Luzia Lima, e “Os Exus no Cosmo Religioso Umbandista: mudanças e ressignificações históricas com o diabo cristão, Viçosa/AL (1960-2013)”, de Adriano Oliveira Trajano Gomes. O Estado da Bahia, por sua vez, apresenta o maior número de produções na Região Nordeste, sendo 12 no total, que se dividem em 10 dissertações e 2 teses. A produção universitária baiana tem início em 1998, com a dissertação “Práticas Mágicas e Cura Popular na Bahia, 1890-1940”, de Jaqueline de Andrade Pereira, apresentada à Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mais de uma década depois da primeira produção, Ileana de las Mercedes Hodge Limonta defende a Tese “Cultura de resistência e resistência de uma identidade cultural: a santería cubana e o candomblé brasileiro (1950-2000)” (2009), também pela UFBA. Gilson Souza de Jesus dá seguimento a produção baiana no ano de 2011, com a dissertação intitulada “Ao som dos atabaques: costumes negros e as leis republicanas em Salvador (1890-1939)”, primeira obra apresentada com a temática à Universidade do Estado da Bahia (UNEB). No ano seguinte, Jaqueline Souza Gomes de Melo, também pela UNEB, apresenta “Praticantes e usuários de magia na primeira visitaçao do Santo Ofício à Bahia (1591-1593): Apreciações sobre relações sociais”, em formato de dissertação. A terceira obra oriunda da instituição é dissertação “Graças aos orixás, inquices, caboclos... estamos aqui”: experiências, práticas e religiosidade afro-brasileira. Amargosa, 1940-1980”, defendida em 2013, por Lorena Michelle Silva dos Santos. Agora pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em 2014, Lizandra Santana da Silva apresenta “Do axé à aleluia: transformações no campo religioso cachoeirano (1980-2007)”, também em formato de dissertação. Em 2015, Flávia Lago de Jesus Pereira apresenta a dissertação “Modernizar as cidades, civilizar os costumes: repressão à espíritas e candomblecistas na Bahia republicana (1920-1940)” à UFBA, mesmo ano em que Paulo Marcos Pereira apresenta “Manuel Querino: percursos de um historiador negro e a historiografia de seu tempo - Bahia (séculos XIX-XX)” à UNEB, no mesmo formato. Também pela UNEB, em 2016, mais duas dissertações: “Na terra de Nanã: candomblés, territorialidade e conflito em Feira de Santana (1890-1940)”, de Gabriela do Nascimento Silva, e “Saravá pra quem é de saravá: a Umbanda do sertão sisaleiro da Bahia(1985-2016)”, de Alei dos Santos Lima. O levantamento na Bahia termina em 2017, com os registros dos trabalhos de dissertação de Bárbara Santana Nogueira, intitulado “Notícias de

um batuque: o jornal A Tarde e a perseguição aos candomblés em Salvador de 1912 a 1937” e apresentado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e a tese “Contribuição para a História do Candomblé Congo Angola na Bahia: o terreiro de Bernardino do Bate Folha (1916-1946)”, de Erivaldo Sales Nunes, apresentada à UFBA.

No Estado da Paraíba foram registradas duas dissertações, ambas no ano de 2012. Uma foi apresentada por Nereida Soares Martins da Silva à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob o título “As mulheres malditas: crenças e práticas de feitiçaria na América Portuguesa”. A outra foi apresentada à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), tem autoria de Cibelle Joven Leal e é intitulada “As religiões afro-ameríndias nas espacialidades da cidade: delineações de fronteiras em Campina Grande - PB. No Piauí também foram registradas dois trabalhos de dissertação, todos apresentados à Universidade Federal do Piauí (UFPI). O primeiro, datado de 2012, tem como autora Vivian de Aquino Silva Brandim e se apresenta sob o título “Obrigação de Dona Constância: a constituição da Umbanda em Codó no Estado do Maranhão”. O segundo intitula-se “As faces da Umbanda no Piauí: Política, festa e criminalidade (1960-1978)” e foi defendido em 2017 por Sabrina Verônica Gonçalves. Já no Estado de Pernambuco, identifiquei 3 produções, todas produzidas na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A primeira é de autoria de Marco Antônio Domingues Teixeira, intitula-se “Abatás D’Loru: Perspectivas dos cultos afrobrasileiros em Porto Velho – Rondônia” e data de 1993. A segunda foi produzida por Marta Valéria de Lima “BARRACÃO DE SANTA BÁRBARA EM PORTO VELHO - RO: Mudanças e transformações das práticas rituais”, em 2001. O trabalho de tese “O REINO DO ENCRUZO: práticas de pajelança e outras histórias do município de Pinheiro - MA (1946-1988)”, apresentado em 2015 por Raimundo Inácio Souza Araújo, encerra a coleta neste Estado. Ceará, Maranhão e Sergipe registraram uma produção cada na plataforma de coleta. A saber, respectivamente: “Becos, ladeiras e encruzilhadas: Andanças do povo-de-santo pela cidade de Salvador”, dissertação apresentada à Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2007, de Íris Verena Santos de Oliveira; “Memória e Umbanda: uma análise da trajetória de José Cupertino em São Luís”, dissertação apresentada à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), em 2016, de Márcia Andrea Teixeira da Silva Paraíba; e “Artes mágicas na Bahia quinhentista: o caso de Maria Gonçalves Cajada”, dissertação apresentada à Universidade Federal de Sergipe (UFS), em 2016, de Gilmara Cruz de Araújo. O Rio Grande do Norte (RN) não apresentou publicações na plataforma de coleta. As obras datam de x a x. Nesta região, as mulheres são responsáveis por 15 obras, enquanto os homens, 7.

Foram identificados 13 Áreas de Concentração, no Nordeste, entre os 24 trabalhos científicos coletados, em apenas 2 não foram identificados. Os 22 estão distribuídos da seguinte forma: História Social (4), História, Cultura e Práticas Sociais (3), História Regional e Local (3), Poder, Cultura e Sociedade (2), História do Brasil (2), História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas (1), História Social do Brasil (1), História, Cultura e Poder (1), História, Ensino e Narrativas (1), História e Cultura Histórica. (1), História, Cultura e Sociedade (1), Sociedades, Culturas e Poderes. (1) e Cultura e Sociedade. (1).

As linhas de pesquisa identificadas, por sua vez, totalizam 7, a saber: Relações de poder, Conflitos e Movimentos Sociais (2), Estudos Regionais: campo e cidade (1), Estudos Sobre Trajetórias das Populações Afro-brasileiras (1), História da África, da Diáspora e dos Índios nas Américas (1), Cultura, Sociedade e Política (1), Cultura, Poder e Identidades (1) e História, Cidade, Memória E Trabalho (1). Não houve a identificação de 17 das 24 obras coletadas nesta região.

REGIÃO NORTE:

Por fim, na região Norte, foram registradas apenas 4 obras: 3 (2 dissertações e 1 tese) no Pará e 1 (dissertação) no Amazonas, que vão de 2007 a 2014. Gerson Santos e Silva foi o primeiro pesquisador a publicar uma obra com a temática na região Norte. Em 2007, pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Santos e Silva defendeu a dissertação “Encantados da ‘fortaleza’ insular: D. Sebastião, natureza em uma história cultural na Amazônia”. No ano seguinte, pela mesma universidade, Decleoma Lobato Pereira defende “O Candomblé no Amapá: História, Memória, Imigração e Hibridismo Cultural”, trabalho de dissertação. O primeiro trabalho de Tese é de Mírian Tesserolli, também pela UFPA, intitulada “Saluba Nanã! A Venerável Mãe Ancestral na Contemporaneidade Brasileira”, apresentada em 2013. No Amazonas, Gisele da Silva Rezk publicou “Feitiçaria erótica: os feitiços de amor denunciados à época do Santo Ofício ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)”, dissertação defendida na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), datada de 2014. Aqui, também, as mulheres são maioria nas publicações (3). Acre, Amapá, Rondônia e Roraima não tiveram publicações de suas instituições públicas de ensino superior registradas na plataforma.

Aqui, foram identificadas 3 áreas de concentração nas 4 produções coletadas: História Social (1), História Social da Amazônia (2) e Antropologia Social (1). Nestes, as linhas de pesquisa se dividem Cultura e Representações (1), Religião, Cultura, Simbolismo e Poder (1), História e Natureza (1) e houve uma não identificação.

De modo geral, o levantamento demonstra um total de 103 trabalhos, sendo 77 (75%) dissertações e 26 (25%) teses. As mulheres são maioria na produção, somando 55 (53%) trabalhos, com maioria nas regiões Nordeste e Norte. Os homens, por sua vez, somam 48 (47%) e têm destaque nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. A região com maior número de publicações é o Sudeste com 54 obras, que representam 52,42%. O Nordeste, em segundo lugar, representa 23,30%, com 24. Em seguida, com 12 trabalhos, o Centro-Oeste representa 11,65%. A região Sul ocupa a quarta colocação no levantamento com 11 produções, 10,67%. O Norte, foco desta pesquisa, contribui com apenas 4 obras, ou 3,88%.

No que diz respeito à tipologia, as mulheres produziram o total de 46 dissertações e 9 teses. Elas são maioria na publicação de dissertações nas regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Norte. Em relação às teses, apenas na região Norte há destaque para mulheres. Já os homens produziram 31 dissertações e 17 teses. Apenas na Região Centro-Oeste os homens produziram mais dissertações em relação às mulheres, entretanto, quando analisamos o número de teses, eles são maioria nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste.

Em relação às Área de Concentração, identifiquei um total de 33 em 99 produções. Não houve identificação em 4 obras. 5 delas concentram 55 produções, mais da metade do total levantado. A maior concentração de trabalhos é em “História Social”, com 32, seguida por “Poder e Cultura” ou “Cultura e Poder” com 7 e “História Cultural” com 6. “História Social do Território” e “Cultura, Fronteiras e Identidades” têm 5 trabalhos cada. Os demais 44 trabalhos organizam-se em 28 áreas da seguinte forma: “História, Cultura e Poder” (4), “História e Cultura” (3), “História, Cultura e Práticas Sociais” (3), “História Regional e Local” (3), “Poder, Cultura e Sociedade” (2), “História do Brasil” (2), “História, Cultura e Sociedade” (2), “História Social das Relações Políticas” (2), “História Comparada” (2), “História Social da Cultura” (2), “História Social da Amazônia” (2), “Política, Movimentos Populacionais e Sociais” (1), “História das Sociedades Ibéricas e Americanas” (1), “História, Poder e Cultura” (1), “História do Tempo Presente” (1), “História Econômica” (1), “História Social, Diferenças e Conflitos” (1), “Sociedade, Política e Cultura” (1), “História, Região e Identidades” (1), “História da Áfricas, da Diáspora e dos Povos Indígenas” (1), “História Social do Brasil” (1), “História, Cultura e Poder” (1), “História, Ensino e Narrativas” (1), “História e Cultura Histórica” (1), “História, Cultura e Sociedade” (1), “Sociedades, Culturas e Poderes” (1), “Cultura e Sociedade” (1) e “Antropologia Social” (1).

No que diz respeito às Linhas de Pesquisa, chama a atenção o número de produções sem menção. De um total de 103, em 63 não houve identificação. Nesta etapa da pesquisa, resalto

a tentativa de coleta desta informação no próprio trabalho, no sítio da Instituição vinculada e na Plataforma Lattes. As 40 produções em que houve identificação distribuem-se em 29 linhas de pesquisa. Em 8 linhas, o conceito de “cultura” tem destaque: “Cultura e Poder” (2), “Cultura e Identidade” (2), “Cultura e Sociedade” (1), “Cultura, Historiografia e Patrimônio” (1), “Cultura, Sociedade e Política” (1), “Cultura e Representações” (1), “Religião, Cultura, Simbolismo e Poder” (1) e “Política e Cultura” (1). Outro conceito que agrega um alto número de trabalhos (7) é o de “fronteira” e está presente em 4 linhas: “Identidades, Fronteiras e culturas de imigração” (3), “Fronteiras, Interculturalidade e Ensino de História” (2), “Fronteiras, Identidade e Representações” (1) e “Fronteiras, política e sociedade” (1). Os outros 23 trabalhos estão divididos desta forma: “Narrativas, Imagens e Sociabilidades” (3), “História Social, diferenças e conflitos” (2), “Território, identidades e representações” (2), “Educação Histórica e Diversidade Cultural” (2), “Relações de Poder, conflitos e movimentos sociais” (2), “Mundos do Trabalho na Escravidão e na Liberdade” (1), “Escravidão e História Atlântica” (1), “Poder e Discurso” (1), “Identidade, Tradições, Processos” (1), “Estudos regionais: campo e cidade” (1), “Estudos sobre Trajetórias das Populações Afro-brasileiras” (1), “História da África, da Diáspora e dos Índios nas Américas” (1), “História, Cidade, Memória e Trabalho” (1), “História e Natureza” (1), “Instituições e História das Ideias” (1), “História da Historiografia, Arte, Memória e Patrimônio” (1) e “Linguagens e Identificações” (1).

A partir deste primeiro levantamento, foi possível identificar o volume de produção por autores, região, as áreas de concentração e linhas de pesquisa, e etc e, assim, traçar critérios para a coleta de fontes sobre o nosso recorte de pesquisa. Na tentativa de dar segurança a esta coleta, também recorreremos aos Grupos de Pesquisa nas áreas de História e Religião, registrados na mesma plataforma.

3.2 Perfil da Historiografia das Religiões de Matriz Africana na Região Norte

Diante do cenário em que se localiza a Região Norte nesta empreitada historiográfica, foi necessário recorrer a outros critérios de levantamento para identificar o perfil destas produções. Ao explorar a Historiografia Brasileira sobre as Religiões de Matrizes Africanas, identifiquei que algumas produções sobre o Norte são realizadas fora da Região e, por vezes, fora do país. Deste modo, incluí neste último capítulo os trabalhos encontrados nesta busca para construir uma historiografia sobre esta Região, não apenas com as pesquisas produzidas nela. Para aprofundarmos o levantamento do foco desta pesquisa, também incluímos artigos e capítulos de livro, além das teses e dissertações.

Realizamos, ainda, o Levantamento dos Grupos de Pesquisa em História e em Religião e Religiosidade, na região Norte, a partir dos registros da Plataforma Lattes. As tabelas foram organizadas por Estados da seguinte forma: nome, líder (es), ano de formação, linha de pesquisa, Universidade e repercussão dos trabalhos do grupo. Em História, constatamos a presença de 110 grupos de pesquisa, distribuídos entre Acre (6), Amapá (17), Amazonas (19), Pará (44), Rondônia (6), Roraima (4) e Tocantins (14). Já o levantamento dos grupos de pesquisa em Religião e Religiosidade constatação foi de 32 grupos o total, que estão distribuídos da seguinte forma: Acre (1), Amapá (3), Amazonas (7), Pará (14), Tocantins (4). Rondônia e Roraima não registraram grupos de pesquisa sobre a temática, além dos já mencionados no levantamento anterior. Para compor este capítulo, após o levantamento, incorporamos ao texto apenas os grupos de pesquisa que registraram em suas linhas de pesquisa os temas “religião” ou “religiosidade”.

AMAZONAS

No Estado do Amazonas, o único trabalho que faz parte desta coleta é de autoria de Gisele da Silva Rezk. Ela iniciou a sua formação acadêmica na UFAM, onde defendeu o seu trabalho de conclusão de curso “O porto como entreposto sócio-cultural de Manaus do período de 1880 - 1912”, em 2004. Pelo Instituto Superior de Educação do Amazonas (ISEAMA), realizou, em 2009, especialização em Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e desenvolveu o trabalho “A Influência dos vocábulos de origem africana na Língua Portuguesa falada no Brasil”. A pesquisadora contribui neste levantamento com a sua dissertação intitulada “Feitiçaria erótica: os feitiços de amor denunciados à época do Santo Ofício ao Estado do Grão-Pará (1763-1769), defendida na UFAM, em 2014.

Registramos a presença de 7 grupos de pesquisa no Amazonas, até 2017. O primeiro foi apresentado em 2004, na UFAM, e foi nomeado de “Sustentabilidade na Amazônia”, com a liderança de Therezinha de Jesus Pinto Fraxe e Antônio Carlos Witkoski. No ano de 2012, foram registrados dois grupos, também na UFAM. O primeiro é o “Núcleo de Estudos Afro Indígena”, idealizado por Renilda Aparecida Costa e Tharcisio Santiago Cruz. O segundo tem por título “Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades – GESECS”, com liderança de Fátima Weiss de Jesus e Márcia Regina Calderipe Farias Rufino, 2012. O grupo “OIKOUMENE - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Religião, Cultura e Imaginário”, foi registrado em 2013 por Marilina Oliveira Bessa Serra Pinto e Marco Aurélio Coelho de Paiva, também na UFAM. Em 2014, mais um grupo é registrado na mesma instituição, trata-se do “Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial”,

liderado por Ewerton Helder Bentes de Castro. Agora, pela UEA, Pedro Henrique Coelho Rapozo e Reginaldo Conceição da Silva fizeram o registro do “Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia - NESAM”, em 2015. O último grupo desta coleta é “Infâncias, Criança e Educação na Fronteira Amazônica”, idealizado e liderado por Marinete Lourenço Mota, com registro em 2017, pela UFAM.

AMAPÁ

Sobre o Estado do Amapá, encontramos 3 produções. A pesquisadora Decleoma Lobato Pereira foi a pioneira na discussão da temática com o trabalho de dissertação intitulado “O candomblé no Amapá: História, Memória, Imigração e Hibridismo Cultural”, defendido na UFPA, em 2008. Pela mesma instituição, Decleoma também graduou-se em História, no ano de 1996, e obteve o título de Doutora em História, em 2020. No Amapá, atuou no serviço público estadual, especializou-se em História da Amazônia (UNIFAP) e em Patrimônio Cultural (UEAP). Em 2017, a pesquisadora recebeu do IPHAN o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrada, que reconheceu a iniciativa de excelência na salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro através do inventário das folias religiosas do Amapá, onde Decleoma coordenou a pesquisa.

Em 2011, foi publicado o livro “Do lado de cá: fragmentos de Histórias do Amapá”, pela Editora Açai (Belém, PA), com organização de Alexandre Amaral, Augusto Oliveira, Dorival Santos, Paulo Cambraia e Sidney Lobato. Nesta obra, Marília Nascimento produziu o capítulo “Primeiro macumba era coisa de preto, de pobre, de marginal”: as religiões afro-brasileiras em Macapá”, que é resultado de seu Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Macapá (FAMA), instituição de ensino superior privada, onde também obteve o título de Especialista em História da Amazônia (2011). Marília atua como Professora de História desde 2010 no Amapá. Em 2018, obteve o título de Mestre em Ensino de História, com a dissertação “Laranjal do Jari: uma proposta para a escrita de livros didáticos e ensino de história local no Amapá”.

O último trabalho coletado neste Estado é de autoria de Marcos Vinicius de Freitas Reis e Tiago Jorge Sousa Lopes. Trata-se do artigo intitulado “Intolerância religiosa: um estudo sobre os casos de intolerância ocorridos no Terreiro de Candomblé Ilê Asé Ibi Olú Fonnim e com seus integrantes na vida social”, publicado na revista Correlatio, em 2017, oriundo do Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais de Tiago Lopes, sob orientação de Reis, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Lopes também é especialista em Docência no Ensino Superior, pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE), onde apresentou o trabalho

“A História não contada: a exclusão da cultura afro das escolas”, em 2018. O pesquisador Marcos Vinícius de Freitas Reis, por sua vez, graduou-se em História, pela UFU, em 2008, com a pesquisa “As todas do sertão: música sertaneja e sociabilidades no interior das Gerais na vida e obra de Pena Branca e Xavantinho”. A temática religiosa aparece em suas produções científicas a partir de 2011, ano em que defende a sua dissertação “Política e religião: A relação dos carismáticos católicos com a política partidária”, pelo Programa de Mestrado em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Ele ingressou na UNIFAP como docente em 2013 e aprofundou-se na temática. Filiou-se à ANPUH-AP, à ABHR e à Associação Brasileira de Teologia, onde é representante da Região Norte. Defendeu a tese intitulada “Religião e Política: Os carismáticos na Política Brasileira”, em 2016, também pela UFSCAR.

Reis fundou, ainda, o Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES), com o pesquisador Andrius Estevam Noronha, em 2013. O Amapá registra outros dois grupos de pesquisa na Plataforma do CNPq que tem em sua linha de pesquisa os temas “religião” ou “religiosidade”. O primeiro foi o Grupo de Pesquisa em Religiosidades Aplicadas às Humanidades, fundado em 2012, por Gustavo Soares Nogueira, no Instituto Federal do Amapá (IFAP). O segundo foi fundado em 2013, na UNIFAP, é liderado por Camila Soares Lippi e tem por nome Observatório Amazônico de Direitos Humanos.

O Amapá caracteriza-se pela iniciativa individual de pesquisadores que se lançam a estudar a temática. O Estado, até 2017, ano do fim do recorte temporal desta pesquisa, não possuía um Programa de Pós-Graduação em História, o que refletiu na produção coletada. O ensino superior no Estado inicia na década de 1970, com o Núcleo Avançado de Ensino (NEM), vinculado à UFPA, que oferta cursos de licenciatura de curto período, visando atender o magistério. Apenas em 1990, por meio de decreto, é fundada a UNIFAP e em 1991 é realizado o seu primeiro vestibular para os cursos de Direito, Secretariado Executivo, Geografia, História, Matemática, Letras, Educação Artística e Enfermagem, de acordo com o sítio da instituição.

PARÁ

No Estado do Pará, houve a coleta de 16 trabalhos científicos. Neste levantamento, o pesquisador Aldrin Moura de Figueiredo tem a produção mais antiga sobre Estado, que é sua Dissertação de Mestrado intitulada “A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia: a constituição de um campo de estudo 1870-1950”, apresentada à UNICAMP, em 1996. A formação do pesquisador em questão inicia no curso de Graduação em História, concluído em 1989, na UFPA. Pela mesma instituição, Figueiredo tornou-se professor da Faculdade de História, em 1991, e cursou Aperfeiçoamento em Antropologia

Social, em 1992, onde produziu “A feiticeira do rio Maracajó: notas sobre uma acusação de feitiçaria na Vigia Oitocentista”, que tornou-se capítulo de livro, publicado pela Editora Belém, em 1998, sob organização do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. O referido trabalho também consta em nosso levantamento. Em 1993, tornou-se especialista em Antropologia Social pela UFPA. O título de Doutor em História também é oriundo da UNICAMP (2001). Entre suas contribuições mais relevantes estão as atuações como diretor do Centro de Memória da Amazônia, membro do Conselho Editorial do Senado Federal e pesquisador vinculado à Cátedra João Lúcio de Azevedo (Instituto Camões e UFPA). Atualmente, atua como diretor do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e coordena o Grupo de Pesquisa em História Social da Arte (UFPA/CNPq), como professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da UFPA.

O pesquisador Agenor Sarraf Pacheco contribuiu neste levantamento com 4 produções. Ele também graduou-se em História pela UFPA, em 1999. Especializou-se em Métodos e Técnica em Elaboração de Projetos Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), em 2002. Na PUC-SP, tornou-se Mestre e Doutor em História Social (2004 e 2009, consecutivamente). A inserção do autor na temática vem através dos artigos científicos publicados após o seu doutoramento, que resultou na tese “En el corazón de la Amazonía: Identidades, Saberes e Religiosidades no Regime das Águas Marajoaras”. Em 2010, Sarraf Pacheco publicou na *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* (Online) o artigo “Encantarias afroindígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas, Práticas de Cura e (In)tolerâncias Religiosas”. Em 2012, mais 2 artigos foram publicados. O primeiro é intitulado “Identidades Afroindígenas em 'Zonas de Contato' Amazônicas” e encontra-se na *Revista de História e Estudos Culturais*. O segundo, por sua vez, é em conjunto com Jerônimo Silva Silva, tem por título “Oralidades em tempos de possessões afroindígenas” e foi publicado em *História Oral* (Rio de Janeiro). Jerônimo Silva Silva foi orientado por Sarraf Pacheco em uma instituição de ensino superior privada. A última produção do autor coletada neste levantamento foi “Religiosidade Afroindígena e Natureza na Amazônia”, artigo publicado na *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, em 2013. Agenor Sarraf Pacheco já contribuiu no Estado do Pará como Diretor do Arquivo Público do Estado do Pará (APEP) e como Secretário Municipal de Educação em Melgaço. Atualmente, está lotado como professor da UFPA, onde também ocupa o cargo de Vice-Coordenador do PPHIST.

Taissa Tavernard de Luca é mais uma egressa do curso de Graduação em História da UFPA, onde obteve o título em 2000, com o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado

“Devaneios da Memória: a História dos Cultos Afro-Brasileiros em Belém do Pará na Versão do Povo-de-Santo”. A pesquisadora continua suas investigações com a temática no Mestrado em Antropologia, realizado na UFPE, em 2003, e retorna à UFPA para tornar-se Doutora em Ciências Sociais, em 2010. No mesmo ano, Tavernard de Luca é vinculada ao quadro docente da UEPA. Atuou no Plano Nacional de Formação Docente (PARFOR-UEPA, 2011), na Fundação Amazônia Paraense de Amparo à Pesquisa (FAPESPA, 2012-2014), no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP, 2013) e atualmente na Secretaria de Estado da Educação do Pará (SEDUC-PA). Também consta em seu perfil na Plataforma Lattes a sua atuação como sócia benemérita da Federação Espírita e Umbandista dos Cultos Afro-brasileiros do Estado do Pará.

Ela tem o maior número de produções científicas com temática afro-religiosa no Estado Pará na área de História, com 7 capítulos de livro e 3 artigos. Em 2008, Tavernard de Luca publicou 4 capítulos de livros, a saber: “O Campo Religioso Afro-Brasileiro em Belém do Pará: Uma Disputa entre Instituições” (1ªed. Belém: UFPA), “Um Campo Religioso Afro-Eclético” (4ed. Belém: IAP), “Na Ambiguidade entre Natureza e Cultura é que Mora o Mito.” (4ed. Belém: IAP) e “Pelos Meandros de Uma Memória Afro-Amazônica” (4ed. Belém: IAP). No ano de 2011, mais um capítulo de livro é publicado, desta vez pela Editora Belém: EDUEPA, sob o título “A trajetória das religiões afro-brasileiras em Belém do Pará na versão do povo-de-santo”. o sexto capítulo de livro é publicado em 2013, pela 1ed. São Paulo: Fonte Editorial, intitulado “Os Nobres no Tambor de Mina e a Construção da Imagem de Branquidade”. Já em 2014, começam a aparecer as produções em formatos de artigos científicos. O primeiro é “A Viagem Fantástica de Rei Sebastião: De Alcacer Quibir ao Terreiro de Mina.”, publicado pela revista Observatório da Religião. Já o segundo aparece na revista Estudos de Religião, sob o título “Por uma Sociedade de Corte nos Terreiros de Belém.”. Também em 2014, Tavernard de Luca escreveu o capítulo “Um passeio pela Encantaria: Rei Sebastião é um nobre do Tambor de Mina”, adicionado ao livro Religião no Brasil: Ciência, Cultura, Política e Literatura, 1ed.São Paulo: Fonte Editorial. O último trabalho de Taissa Tavernard de Luca que é incorporado ao recorte temporal deste levantamento é o artigo “Dom Manoel (O Venturoso): O Rei Expansionista do Tambor de Mina Amazônico”, publicado pela revista Estudos de Religião, em 2015.

Mírian Aparecida Tesserolli é mais uma pesquisadora que desenvolveu pesquisa sobre a temática neste Estado. Sua contribuição está no artigo “Algumas Reflexões sobre a Organização Social da Mina Maranhense e do Keto em Belém do Pará”, publicado na revista

Rever (PUC-SP), em 2009, e Tese “Saluba Nanã! A Venerável Mãe Ancestral na Contemporaneidade Brasileira”, que lhe rendeu o título de Doutora em Ciências Sociais, pela UFPA, em 2013. O perfil de Tesseroli será aprofundado na seção seguinte, que abordará a produção do Estado de Tocantins, onde ela teve mais desenvolvimento nas pesquisas.

O último pesquisador adicionado a este levantamento é Gerson Santos e Silva. Graduado em História pela UFPA, em 2004, Santos e Silva já abordava a temática em seu Trabalho de Conclusão de Curso “O castelo do rei-Sabá: memórias encobertas nas encantarias do Pará”. O pesquisador é incluído nesta etapa pelo seu trabalho de Dissertação “Encantados da ‘fortaleza’ insular: D. Sebastião, natureza em uma história cultural na Amazônia”, apresentado à UFPA, em 2007, como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

O Pará ainda conta com 14 grupos de pesquisa que envolvem “religião” ou “religiosidades” em suas linhas de pesquisa, sendo 7 na UEPA e 7 na UFPA. Os primeiros grupos são “Antropologia, Religião e Saúde”, liderado por Heraldo Maués e Marilu Marcia Campelo, e “História da Amazônia”, que tem como fundadoras as pesquisadoras Maria de Nazaré dos Santos Sarges e Magda Maria de Oliveira Ricci. Ambos datam do ano 2000 e foram criados no âmbito da UFPA. No ano de 2006, há a formação do grupo “Movimentos Sociais, Educação e Cidadania na Amazônia” iniciado por Maria Marize Duarte e Ubiracy Rodrigues Soares, na UEPA. Pela mesma Universidade, no ano de 2009, foram criados os grupos “Processos em psicologia educacional e psicopedagogia preventiva”, liderado por Cláudio Ludgero Monteiro Pereira e Diniz Antonio de Sena Bastos, e “Grupo de Pesquisas Religião e Cultura”, fundado por Douglas Rodrigues da Conceição. No ano seguinte, as pesquisadoras Carmem Izabel Rodrigues e Voyner Ravena Cañete, vinculadas à UFPA, fundaram o “GEMP - Grupo de Estudos sobre Mercados Populares”. Taissa Tavernard de Luca criou, em 2011, o “Grupo de Estudo Religiões de Matriz Africana na Amazônia”, na UEPA. No ano de 2012, na UEPA, os pesquisadores Manoel Ribeiro de Moraes Júnior e Fabio Py Murta de Almeida dão início às atividades do grupo “Religião, Política, Direitos Humanos e Democracia”. Na UFPA, em 2013, o “Grupo de Estudos e Pesquisa Roda de Axé” é registrado na plataforma com a liderança de Marilu Marcia Campelo e Raimundo Jorge Nascimento de Jesus. Em 2014, a mesma universidade tem a inclusão de mais um grupo de pesquisa, o “Vivarium - Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medieval.- NÚCLEO NORTE”, liderado por Roberta Alexandrina da Silva e Douglas Mota Xavier de Lima. No mesmo ano, a UEPA registra

“Religião e Mística”, do pesquisador Josias da Costa Júnior. O grupo de pesquisa “Arte, Religião E Memória - ARTEMI”, de Maria Roseli Sousa Santos, é registrado em 2015 na UEPA, mesmo ano que “Estado, História, Religião e Gestão Fundiária na Amazônia”, de Luly Rodrigues da Cunha Fischer é registrado na UFPA.

TOCANTINS

No Tocantins, Mírian Aparecida Tesseroli é a única pesquisadora apta para os critérios estabelecidos neste levantamento. Em 1992, graduou-se em História, pela UFSC, onde também se tornou Mestre em História, em 1997. Nestas etapas formativas de Tesseroli não há em seus trabalhos de conclusão a abordagem da temática afro-religiosa. No ano de 2003, ela é vinculada ao quadro docente da UFT. A primeira contribuição está em seu artigo “A Cultura Brasileira e o Candomblé”, que faz parte da revista Produção Acadêmica (UFT), apresentado em 2005. Em 2013, Tesseroli torna-se Doutora em Ciências Sociais, pela UFPA, e apresenta a Tese “Saluba Nanã! A Venerável Mãe Ancestral na Contemporaneidade Brasileira”. De 2014 a 2017, a pesquisadora em questão esteve vinculada à Fundação Nacional de Arte (FUNARTE) Sua última contribuição advém também do ano de 2017, com o artigo “Arte, Ancestralidade e Religiosidade na casa de Mãe Romana em Natividade, TO”, publicado na revista Prismas (Curitiba, PR).

Neste Estado, mais especificamente na UFT, há 4 grupos de pesquisa que agregam “Religião” ou “Religiosidades” em suas linhas de pesquisa. O primeiro foi fundado por João Batista de Jesus Felix, em 2009, com o nome “O NEGRO E SUAS PARTICIPAÇÕES SOCIETÁRIAS: na educação, na cultura, na política, na economia, na religião, na história, na identidade e na mídia”. No mesmo ano, Bruna Andrade Irineu e Cristina Vianna Moreira dos Santos criaram o “Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos”. A pesquisadora Vasni de Almeida criou e liderou “História e Religião”, desde 2012. O grupo de pesquisa “Mídias e territorialidades ameaçadas”, criado em 2016, por Maria de Fátima de Albuquerque Caracristi e Jaci Câmara de Albuquerque, encerra este levantamento que finda em 2017.

RONDÔNIA

O Estado de Rondônia contém a maior concentração de produção acadêmica na Região Norte, sendo 25 no total. Somadas, as pesquisadoras Marta Valéria de Lima e Nilza Menezes são responsáveis por 16 destes trabalhos. Rondônia, porém, não registra Grupos de Pesquisa que tenham “Religião” ou “Religiosidades” em suas linhas de pesquisas.

Marta Valéria de Lima iniciou a carreira acadêmica no curso de graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), concluído em 1988. Ingressou no serviço público, em 1990, como docente do Curso de História da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Atuou na fundação do Núcleo Regional de Rondônia da ANPUH, em 1991, desenvolvendo suas atividades na função de secretária. Em 2001, tornou-se Mestre em Antropologia pela UFPE, onde apresentou a dissertação “Barracão de Santa Bárbara em Porto Velho - RO: Mudanças e transformações das práticas rituais”. No ano seguinte, a pesquisadora escreveu os artigos “História e estrutura ritual de um terreiro gêge-nagô em Porto Velho – RO” e “Pintando o Santo”, publicados pela Primeira versão, Porto Velho. Este último tem coautoria de Nilza Menezes e também foi publicado no Caderno de Criação, em 2003. Já em 2004, Marta Valéria de Lima realizou o Curso de Especialização em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), onde apresentou o trabalho “Tambor de Choro: o adeus aos mortos do povo mina-nagô na tradição religiosa afro-brasileira de Porto Velho-RO.” No ano de 2006, pela revista Labirinto (UNIR), ela publicou o artigo “Gênero e sucessão em Tambor de Mina: o Terreiro de Santa Bárbara (Porto Velho - Rondônia)”. De 2009 a 2013, a pesquisadora ingressou na Universidad Pablo de Olavide (UPO), da Espanha. Lá, realizou Mestrado e Doutorado em História da América Latina, porém obteve reconhecimento apenas desta última titulação junto à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 2016. Sua tese é intitulada “Dos tambores de Averequete aos tambores de Oxalá: história de uma relação complexa: as religiões afro-brasileiras e a sociedade de Rondônia (1911-2011)”. Neste ínterim, ela publicou os artigos “Diversidade religiosa e Umbanda kardecista em Rondônia (1980-1990)” (Veredas Amazônicas, 2015) e “A Umbanda em Rondônia” (Muiraquitã-UFAC, 2016), além do capítulo de livro “Políticas desenvolvimentistas na Amazônia e declínio do tambor de mina em Rondônia” (1ed.Porto Velho: EDUFRO, 2016)

A pesquisadora Nábila Raiana Magno Pimentel produziu o artigo “Da ameaça à esperança: memórias e histórias sobre a primeira mãe de santo do município de Porto Velho”, publicado pela Revista Labirinto (UNIR), em 2010. O texto também foi adaptado, no mesmo ano, para um capítulo do livro “Linguagens e identidades da/na Amazônia Sul-Occidental”, da Editora UFAC. O trabalho foi produzido ainda na Graduação em História, concluída em 2012, na UNIR, com a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso “Entre Deus e o diabo: a experiência do trânsito religioso de mãe Yaci de Iemanjá - oralidade, memória e história”. No mesmo ano, Pimentel ingressou no serviço público, através da docência, na Prefeitura Municipal de Porto Velho, e no Mestrado em História e Estudos Culturais, ainda pela UNIR,

onde dissertou sobre “Elementos de africanidade na obra de Adonias Filho (1971)”. Este último concluído em 2015.

O artigo científico “Levantamento lexical de palavras encontradas nos Centros de Umbanda do Município de Nova Mamoré, Rondônia e a busca etimológica dos bantuismos brasileiros” foi produzido por Dante Ribeiro Fonseca e Antonio Elias Nascimento, em 2011, e publicado na Revista Veredas Amazônicas. De acordo com as informações de seu currículo na Plataforma Lattes, Dante Ribeiro Fonseca tem Graduação em História pela UFRJ, concluída em 1983, e Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, realizado na UFPA, com conclusão em 2004. Não há informações sobre o Mestrado. Ele tem vínculo com o Departamento de História da UNIR desde 1986. Em 2011, Fonseca exercia a atividade de Coordenador do Mestrado em Ciências da Linguagem, onde orientou Antonio Elias Nascimento na escrita de sua Dissertação intitulada “Identificação lexical de palavras de possível origem bantu na Umbanda no município de Nova Mamoré”.

Também em 2011, o pesquisador Luciano Leal da Costa Lima publicou 3 artigos científicos. São eles: “Formação dos cultos afro-brasileiros em Porto Velho/RO” (Veredas Amazônicas), “Chica Macaxeira, a mãe de santo que ressuscitou: contribuições dos estudos afro-brasileiros em Porto Velho” (Veredas Amazônicas) e “Festa de Caboclo: um olhar etnográfico” (História e-História). Estas publicações coincidem com a conclusão da Graduação em História, pela UNIR, sob orientação de Dante Ribeiro Fonseca. Lima seguiu para o Mestrado em História e Estudos Culturais, também pela UNIR, onde dissertou sobre “Prisão e Religião: um estudo sobre as mulheres presas de Porto Velho-RO”. O curso em questão foi concluído em 2014, mesmo ano que houve mais uma publicação no formato de artigo realizado pelo autor, intitulada “Algumas reflexões sobre o Tambor de Mina e os terreiros de Porto Velho” (Veredas Amazônicas).

A pesquisadora Nilza Menezes Lino Lagos também contribuiu de forma expressiva para a formação desta historiografia. Nilza Menezes, como é referenciada, graduou-se em História, em 1997, pela UNIR. Ela possui duas especializações. A primeira é na área de História do Brasil, foi realizada pela PUC-MG e resultou no trabalho “Uma feiticeira no século XX”, em 2002. A segunda foi concluída no ano seguinte, na área da Ciência da Religião, agora pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com o trabalho “Mulheres de Deus: adesão e trânsito religioso no presídio feminino de Porto Velho-RO”. Pela mesma Universidade, a pesquisadora realizou Mestrado em Ciências Sociais e Religião, com a apresentação da dissertação “Arreda Homem que aí vem mulher”, em 2007. Também pela UMESp, Nilza

Menezes defendeu a Tese intitulada “Segredos e intrigas: relações entre violência de gênero e o processo de masculinização nas lideranças das práticas religiosas afro-brasileiras em Porto Velho (RO)”, para o programa de Doutorado em Ciências da Religião, em 2012. Em seu perfil na Plataforma Lattes não há informações precisas sobre a sua atuação profissional.

A primeira publicação de Menezes com a temática data de 2001. Trata-se do capítulo “Com feitiço e com fetiche”, publicado pela Editora da Universidade Federal do Pernambuco e Editora da Universidade Federal de Rondônia. Em 2002, é publicado o já citado artigo “Pintando o Santo”, em conjunto com Marta Valéria de Lima. No ano de 2005, escreve para a Revista *Justiça & História* o artigo “Uma feiticeira no século XX”. Para a Netmal in Revista (IMS), em 2007, a pesquisadora selecionou o trabalho “Pombagira: a outridade da mulher”. De 2009 a 2013, Menezes publicou 5 artigos, sendo 1 a cada ano. São eles: “Religião e arte” (Revista *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, 2009), “Gênero e Religião na comunidade caribenha de Rondônia” (Revista *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, 2010), “A divisão do trabalho nos templos das religiões afro-brasileiras em Porto Velho, Rondônia” (Revista *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, 2011), “A violência de Gênero nas religiões afro-brasileiras” (PPG-CR, UFPB, 2012) e “As tensões de gênero que permearam a trajetória histórica e as transformações ocorridas nas religiões afro-brasileiras em Porto Velho, Rondônia” (Revista *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, 2013).

O pesquisador Marco Antônio Domingues Teixeira produziu a dissertação intitulada “Abatás D’Loru: Perspectivas dos cultos afro-brasileiros em Porto Velho – Rondônia”, em 1993, pela UFPE, o que lhe rendeu o título de Mestre em Antropologia. Esta obra dá início ao recorte temporal do presente trabalho e foi selecionada pelo critério de adesão das produções de pesquisadores que tenham iniciado a formação acadêmica na graduação em História. O trabalho e o título de Mestre em Antropologia, porém, não são mencionados em seu perfil na Plataforma Lattes, também não constam entre as 318 dissertações organizadas no Atenna Repositório Digital da UFPE. A referida dissertação é encontrada nas referências de alguns trabalhos de pesquisadores do Estado de Rondônia.

De acordo com as informações cedidas pelo próprio autor, Marco Teixeira graduou-se em História pela UFPA, em 1982. Iniciou um vínculo institucional com a UNIR, em 1984, com a docência. Realizou Especialização em História do Brasil pela PUC-Minas, com conclusão em 1986. Neste ínterim, publicou o artigo “A macumba em Porto Velho”, no *Compêndio de história e cultura de Rondônia*, em 1994. Obteve mais um título de Mestre, agora em História, em 1997, com a apresentação da dissertação “Dos Campos D’Ouro À Cidade Em Ruínas:

Apogeu e Decadência do Colonialismo Português do Guapori, Séculos XVIII-XIX” à UFPE. O título de Doutor em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido foi adquirido em 2004, com a Tese “Campesinato negro de Santo Antônio do Guaporé. Identidade e sustentabilidade”, defendida na UFPA. Sua terceira e última publicação com a temática foi o capítulo do livro “Rituais fúnebres adotados por praticantes de religiões de matriz africana em Rondônia e São Paulo (Brasil)”, publicado em 2010, pela Porto Velho: Edufro-Rondoniana.

O Estado de Rondônia não registrou grupos de pesquisa que consideravam “religião” ou “religiosidade” em suas linhas de pesquisa, assim como Roraima. O Acre, apesar de não registrar pesquisa com a temática neste período, conta com o grupo de pesquisa “História e religiões: Estudos das devoções populares na Amazônia sul ocidental”, fundado em 2016, por Francisco Pinheiro de Assis e Enock da Silva Pessoa, na UFAC.

De modo geral, este levantamento conta com 50 produções científicas sobre as religiões de matriz africana na Região Norte e 28 grupos de pesquisa. São 2 teses, 6 dissertações, 11 capítulos de livros e 31 artigos. Destaca-se o protagonismo das mulheres nesta produção, que somam 34 trabalhos (2 teses, 3 dissertações, 9 capítulos de livro e 20 artigos). Os homens, por seu turno, desenvolveram 16 trabalhos (3 dissertações, 2 capítulos de livros e 11 artigos). A ausência de produções em alguns estados da região norte destaca um desafio em termos de representatividade e diversidade nas pesquisas sobre religiões de matriz africana. Pará e Rondônia, especificamente, concentram a maior parte das produções, evidenciando uma limitada representação de outras localidades da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este trabalho com a dura tarefa de responder às perguntas que me acompanharam durante a maior parte do curso desta Graduação. A primeira pergunta foi: por que, na Amazônia, as Religiões de Matriz Africana foram objetos de poucos trabalhos na área de História? Para respondê-la foi preciso me debruçar sobre a bibliografia para compreender o desenvolvimento do ofício do historiador em relação ao tema “religião”. Assim, construí os dois primeiros capítulos.

No primeiro, recorri à História Cultural para entender como responder a este questionamento através da Historiografia. Para isso, foi fundamental as obras de Certeau (2011), Bourdieu (2011) e Martins (2011) para entender este processo. Nesta empreitada, entendi que a Historiografia a ser feita necessitava compreender a relação entre as Universidades, as suas normas, dinâmicas e a produção científica. Este processo resulta em uma representação histórica, que é filtrado por lutas, negociações e imposições do mundo social e, sobretudo, do campo científico.

Diante disso, busquei compreender a relação entre a História enquanto ciência e a Religião enquanto tema. Entendi que o trabalho de escrever história esteve, na maior parte de sua existência, interligado às crenças cristãs, sobretudo às ordens religiosas. Da Antiguidade à Modernidade, o que temos é uma história do cristianismo e seus conflitos internos. A História foi considerada uma disciplina autônoma no século XVIII, com adesão às instituições de ensino superior. Ainda assim, a Igreja Católica administrou a sua estadia no centro dos debates religiosos, fomentando pesquisas e agregando personagens marginalizados secularmente por ela própria. Por isso, a escolha conceitual adotada foi essencial para gerar um novo entendimento sobre a temática religiosa.

No segundo capítulo, por sua vez, busquei entender a trajetória da Historiografia Brasileira Contemporânea. Constatei que, nos últimos 50 anos, no Brasil, o ofício do historiador se institucionalizou, profissionalizou e expandiu o campo, com a introdução do método histórico na coleta, na análise dos dados e com a contextualização dos temas de pesquisa nos programas de pós-graduação, avançando na área com a publicação de pesquisas de forma regular, com a criação de associações e periódicos. É digno de destaque o protagonismo feminino, principalmente na proposição de estudos sobre às relações raciais, onde estão localizadas as religiões de matrizes africanas. Também destaco as políticas de ações afirmativas, que foram cruciais para a alteração do Campo Científico. Houve a alteração

no número de publicações relacionadas às temáticas raciais concomitantemente à inserção do maior número de pessoas negras ingressando nos programas de pós-graduação, ao comparar os Censos de 2000 e 2010. Os PNPGs contribuíram significativamente para amenizar as assimetrias regionais, mas ainda há a necessidade de ampliação, fomento e manutenção destas políticas. A região Norte, foco desta pesquisa, apresentou números irrisórios quando comparada à própria população.

Ainda no segundo capítulo, outra constatação é a assimetria dentro da temática religiosa na Historiografia Brasileira Contemporânea. Temas como Igreja Católica e Cristianismo foram maioria nas produções científicas de historiadores até meados dos anos 2000, restando pouco espaço para as religiões de matriz africana até nas iniciativas que tentaram agregar pesquisadores da área. Na região Norte, o Estado do Pará é historicamente responsável pela maior profusão do tema, mas os números também ressaltam o grande volume de produção desenvolvida em Rondônia.

A segunda pergunta que me acompanhou foi: Qual é o perfil destas produções: autor(a), gênero, título da obra, área de concentração e/ou linha de pesquisa, tipologia, Universidade e ano de publicação? Esta, sem dúvidas, é a mais difícil. Em busca da resposta, precisei levantar teses, dissertações, artigos, capítulos de livros e grupos de pesquisa para criar um perfil dessa produção. Deste modo, escrevi o terceiro capítulo deste trabalho, que está dividido em duas seções.

A primeira é intitulada “Perfil da Historiografia Brasileira sobre as Religiões de Matriz Africana na Amazônia”. Coletei 103 publicações nos registros do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, até 2017. Organizei uma tabela de acordo com identificadores: autor(a), gênero, título da obra, área de concentração e/ou linha de pesquisa, tipologia, Universidade e ano de publicação. A tabela foi dividida de acordo com as cinco regiões brasileiras (Centro-Oeste, Norte, Nordeste, Sul, Sudeste) e, em cada uma delas, subdivididas pelos Estados que as compõem.

O levantamento demonstrou um total de 103 trabalhos, sendo 77 (75%) dissertações e 26 (25%) teses. As mulheres são maioria na produção, somando 55 (53%) trabalhos, com maioria nas regiões Nordeste e Norte. Os homens, por sua vez, somam 48 (47%) e têm destaque nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. A região com maior número de publicações é o Sudeste com 54 obras, que representam 52,42%. O Nordeste, em segundo lugar, representa 23,30%, com 24. Em seguida, com 12 trabalhos, o Centro-Oeste representa 11,65%. A região Sul ocupa

a quarta colocação no levantamento com 11 produções, 10,67%. O Norte, foco desta pesquisa, contribui com apenas 4 obras, ou 3,88%.

No que diz respeito à tipologia, as mulheres produziram o total de 46 dissertações e 9 teses. Elas são maioria na publicação de dissertações nas regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Norte. Em relação às teses, apenas na região Norte há destaque para mulheres. Já os homens produziram 31 dissertações e 17 teses. Apenas na Região Centro-Oeste os homens produziram mais dissertações em relação às mulheres, entretanto, quando analisamos o número de teses, eles são maioria nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste.

Em relação à Área de Concentração, identifiquei um total de 33 em 99 produções. Não houve identificação em 4 obras. 5 delas concentram 55 produções, mais da metade do total levantado. A maior concentração de trabalhos é em “História Social”, com 32, seguida por “Poder e Cultura” ou “Cultura e Poder” com 7 e “História Cultural” com 6. “História Social do Território” e “Cultura, Fronteiras e Identidades” têm 5 trabalhos cada

No que diz respeito às Linhas de Pesquisa, chama a atenção o número de produções sem menção. De um total de 103, em 63 não houve identificação. Nesta etapa da pesquisa, resalto a tentativa de coleta desta informação no próprio trabalho, no sítio da Instituição vinculada e na Plataforma Lattes. As 40 produções em que houve identificação distribuem-se em 29 linhas de pesquisa. Em 8 linhas, o conceito de “cultura” tem destaque: “Cultura e Poder” (2), “Cultura e Identidade” (2), “Cultura e Sociedade” (1), “Cultura, Historiografia e Patrimônio” (1), “Cultura, Sociedade e Política” (1), “Cultura e Representações” (1), “Religião, Cultura, Simbolismo e Poder” (1) e “Política e Cultura” (1). Outro conceito que agrega um alto número de trabalhos (7) é o de “fronteira” e está presente em 4 linhas: “Identidades, Fronteiras e culturas de imigração” (3), “Fronteiras, Interculturalidade e Ensino de História” (2), “Fronteiras, Identidade e Representações” (1) e “Fronteiras, política e sociedade” (1).

Ponto, aqui, a dificuldade de obtenção dos dados com precisão devido à falta de regularidade nas publicações das informações relacionadas aos trabalhos dos pesquisadores alvo desta pesquisa. Constatei que muitos perfis dos pesquisadores na Plataforma Lattes estão desatualizados, assim como alguns trabalhos também não são encontrados no formato digital. Encontrei dificuldade de ter acesso a algumas obras, principalmente, por falta de publicação ou instabilidade do sistema de armazenamento. Há, ainda, a dificuldade de comunicação com os pesquisadores.

A segunda seção, intitulada “Perfil da Historiografia das Religiões de Matriz Africana na Região Norte”, demonstrou o levantamento de 50 produções científicas sobre as religiões de

matriz africana na Região Norte e 28 grupos de pesquisa. Os trabalhos estão divididos da seguinte forma: 2 teses, 6 dissertações, 11 capítulos de livros e 31 artigos. Aqui, destaca-se o protagonismo das mulheres nesta produção, que somam 34 (68%) trabalhos (2 teses, 3 dissertações, 9 capítulos de livro e 20 artigos). Os homens, por seu turno, desenvolveram 16 (32%) trabalhos (3 dissertações, 2 capítulos de livros e 11 artigos).

Considero que, ao desenvolver esta pesquisa, consegui encontrar algumas respostas para as perguntas que me acompanharam. A cada passo dado, mais nítida era a necessidade de entender este campo por meio de um perfil. Entretanto, outras perguntas também foram surgindo, a saber: Qual é o perfil racial, religioso e socioeconômico dos pesquisadores? Quais são as religiões de matriz africana mais estudadas? Onde elas estão localizadas, nos centros ou nas periferias, nas capitais ou nos interiores? Quais conceitos e métodos são mais aplicados nestas pesquisas? Como se dá a inclusão das religiões de matriz africana nos cursos de graduação e pós-graduação em História nas universidades da região Norte? Como criar canais de comunicação com as comunidades afro-religiosas para definir temas de pesquisas de impacto social e científico? Como a produção de historiografias pode contribuir efetivamente no desenvolvimento do campo científico da região Norte?

Finalmente, ao percorrer os caminhos dessa escassez de estudos sobre as Religiões de Matriz Africana na região Norte, esta pesquisa não apenas tentou preencher uma lacuna na história regional, mas contribuiu para uma narrativa mais abrangente e inclusiva. Ao desvendar as razões por trás dessa ausência, obteve-se uma melhor compreensão das dinâmicas históricas da região, resgatando vozes e práticas muitas vezes negligenciadas. A análise crítica da Historiografia Brasileira Contemporânea evidencia transformações significativas no campo histórico nas últimas cinco décadas. Do outro lado a profissionalização do historiador, a adoção do método histórico e o impacto das políticas de ações afirmativas foram aspectos fundamentais explorados, destacando o contexto dinâmico em que a pesquisa histórica se desenvolve no Brasil.

A busca por um da produção científica sobre as Religiões de Matriz Africana na região Norte, detalhando informações sobre gênero, região geográfica, tipologia e áreas de concentração, oferece um recurso para pesquisadores, instituições acadêmicas e formuladores de políticas, visto que a coleta e análise detalhada dessas informações constituem uma fonte de dados abrangente e estruturada. Esse conjunto de informações pode ser utilizado como base para pesquisadores conduzirem estudos mais aprofundados, instituições acadêmicas compreenderem tendências e lacunas na produção científica, e formuladores de políticas

embasarem decisões relacionadas ao desenvolvimento e apoio à pesquisa histórica sobre as Religiões de Matriz Africana na Amazônia. Dessa forma, a pesquisa também fornece um instrumento para diversos atores interessados no avanço do conhecimento nesse campo específico.

A constatação do protagonismo feminino na produção acadêmica ressalta a importância da inclusão e representatividade nas pesquisas históricas, provocando reflexões sobre os desafios ainda persistentes. Constata-se ainda a necessidade e a relevância de estabelecer canais de comunicação efetivos com as comunidades afro-religiosas para definir temas de pesquisa de impacto social e científico, por meio de uma abordagem mais colaborativa e participativa na produção do conhecimento histórico. Essa abordagem não só fortalece o vínculo entre academia e comunidades locais, mas também reafirma o papel social da pesquisa histórica na região Amazônica e em todo o Brasil.

Nesse sentido, esta pesquisa transcendeu a simples abordagem de questões históricas específicas, lançando luz sobre considerações metodológicas, inclusão e a responsabilidade social da pesquisa histórica. Ao encerrar este capítulo, vislumbro um futuro em que a pesquisa histórica na Amazônia se torne uma ferramenta instrumentalizada para promover a compreensão, a inclusão e a preservação das diversas narrativas que compõem a rica tapeçaria histórica da nossa região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTES, Amélia; MENA-CHALCO, Jesús. Expansão da temática relações raciais no banco de dados de teses e dissertações da Capes. **Educação e Pesquisa**, v. 43, n. 4, p. 00-00, 2017.
- BANAGGIA, Gabriel. Inovações e controvérsias na antropologia das religiões afro-brasileiras. Rio de Janeiro: 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Usos sociais da ciência**. Unesp, 2003
- BURKE, Peter. **A escrita da história**. Unesp, 1992.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Editora Zahar, 2.ed., 2005.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**. Unesp, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, p. 375-399, 1997.
- CERTEAU, Michel de. A escrita da história. **Rio de Janeiro: Forense Universitária**, v. 2, 1982.
- CHARTIER, Roger. A história cultural. **Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.
- GEERTZ, CLIFFORD. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989
- DA MATA, Sérgio. **História & religião**. Autêntica, 2010.
- DE ALBUQUERQUE, Eduardo Basto. Historiografia e Religião. **Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)**. ISSN 1981-156X, n. 05, 2007.
- DE REZENDE MARTINS, Estevão. Conhecimento histórico e historiografia brasileira contemporânea. **História**, v. 42, p. 197-219, 2011.
- HERMANN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, p. 329-352, 1997.
- LAPA, José Roberto do Amaral. Tendências atuais da historiografia brasileira. **Revista Brasileira de História**, p. 153-172, 1981.
- MALERBA, Jurandir. A história escrita: teoria e história da historiografia. **São Paulo: Contexto**, 2006.

- MALERBA, JURANDIR. Em busca de um conceito de historiografia. **Varia historia**, n. 27, 2002.
- MANOEL, Ivan Aparecido; DE FREITAS, Nainora Maria Barbosa. **História das religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos**. Paulinas, 2006.
- MARTINS, Estevão Rezende. *Historiografia: o sentido da escrita e a escrita do sentido*. 2009.
- OHARA, João Rodolfo Munhoz. *Virtudes epistêmicas na historiografia brasileira (1980-1990)*. 2017.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Autêntica, 2014.
- SILVEIRA, Diego Omar da; REIS, Marcos Vinícius de Freitas. Estudos da Religião na Amazônia, um balanço. Entrevista com Raymundo Heraldo Maués. **PLURA, Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion**, v. 6, n. 2, jul-dez, p. 10-26, 2015.
- TORRES-LONDOÑO, Fernando. História das Religiões: breve panorama histórico e situação atual no Brasil. **Compêndio de Ciências da Religião. São Paulo: Paulinas: Paulus**, p. 217-230, 2013.

ANEXO

LEVANTAMENTO DA HISTORIOGRAFIA SOBRE AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL

Número total de publicações: 103

REGIÃO SUL

Nº de publicações: 10

MULHERES: 6

HOMENS: 5

PARANÁ

Nº de publicações: 3

Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração /Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
TEREZA DE FATIMA MASCARIN	Feminino	COMIDA DE ORIXÁS: A CULINÁRIA NO TERREIRO ILÊ AST'OYÁ ONIRÁ EM SARANDI – PR	Área de concentração: Política, movimentos populacionais e sociais.	Dissertação	UEM	2014

			Linha de pesquisa: Instituições e História das Ideias.			
Ana Paula Nadalini	Feminino	COMIDA DE SANTO NA COZINHA DOS HOMENS: UM ESTUDO DA PONTE ENTRE ALIMENTAÇÃO E RELIGIÃO	Área de concentração: História, Cultura e Sociedade. Linha de pesquisa: Cultura e Poder.	Dissertação	UFPR	2009
LOURIVAL ANDRADE JUNIOR	Masculino	Da barraca ao túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção	Área de concentração: História, Cultura e Sociedade. Linha de pesquisa: Cultura e Poder	Tese	UFPR	2008
RIO GRANDE DO SUL Nº de publicações: 2						
Autor (a)	Gênero	Título	Tema	Tipo	Universidade	Ano
Roger Costa da Silva	Masculino	Muzungas: Consumo e manuseio de químicas por escravos e libertos no Rio	Área de concentração: História das	Dissertação	PUC-RS	2001

		Grande do Sul (1828-1888)	sociedades Ibéricas e Americanas. Linha de pesquisa: Não identificado.			
GILVAN SILVEIRA MORAES	Masculino	MOAB CALDAS: DISCURSOS QUE ROMPEM OS SILÊNCIOS NA TRIBUNA SUL RIO-GRANDENSE (1958-1966)	Área de concentração: História, Poder e Cultura. Linha de pesquisa: Fronteira, Política e Sociedade.	Dissertação	UFSM	2017
SANTA CATARINA						
Nº de publicações: 5						
Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
ANAHY SOBENES	Feminino	Jubiabá: Cartilha para feiticeiros e Comunistas	Área de concentração: História Cultural Linha de pesquisa:	Dissertação	UFSC	2015

			História da Historiografia, Arte, Memória e Patrimônio.			
Gerson Machado	Masculino	Os Atabaques da Manchester: Subjetividades, Trajetórias e Identidades Religiosas Afro-brasileiras em Joinville/SC (Décadas de 1980-2000)	Área de concentração: História Cultural Linha de pesquisa: não identificado.	Tese	UFSC	2012
André de Oliveira Pinheiro	Masculino	Revista Espiritual de Umbanda: Tradição e tensões no campo umbandista	Área de concentração: História Cultural Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFSC	2009
BEATRIZ PEREIRA DA SILVA	Feminino	'Trajetória de luz e encanto': discursos e narrativas sobre Mãe Malvina (1970-2016, Florianópolis/SC)	Área de concentração: História do Tempo Presente Linha de pesquisa: Linguagens e Identificações	Dissertação	UDESC	2016
Márcia Alves	Feminino	Entre a folia e a sacristia: as (re)significações e	Área de concentração:	Dissertação	UFSC	1999

		intervenções da Elite Clerical e Civil na Festa do Divino em Florianópolis (1896-1925)	História Cultural Linha de pesquisa: Não identificado.			
--	--	--	---	--	--	--

REGIÃO SUDESTE

Nº de publicações: 53

MULHERES: 26

HOMENS: 27

ESPÍRITO SANTO

Nº de publicações: 2

Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
Ludimila Noeme Santos Portela	Feminino	O MALLEUS MALEFICARUM E O DISCURSO CRISTÃO OCIDENTAL CONTRÁRIO À	Área de concentração: História Social das Relações Políticas.	Dissertação	UFES	2012

		BRUXARIA E AO FEMININO NO SÉCULO XV	Linha de pesquisa: Não identificado.			
SILVIA DE SOUZA DIAS	Feminino	O BAIRRO ZUMBI NA PERSPECTIVA DE TERRITÓRIO NEGRO E LUGAR DE PRÁTICAS CULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS EM CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM, ESPÍRITO SANTO	Área de concentração: História Social das Relações Políticas. Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFES	2004
MINAS GERAIS						
Nº de publicações: 9						
Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
MARCELO RODRIGUES DIAS	Masculino	Repressão ao curandeirismo nas Minas Gerais na segunda metade do oitocentos	Área de concentração: Poder e Cultura.	Dissertação	UFSJ	2010

			Linha de pesquisa: Não identificado.			
IGOR GUEDES DE Carvalho	Masculino	Lavras enfeitiçadas: curadores, benzedores, adivinhos e feiticeiros nas Minas Setecentistas	Área de concentração: História, Cultura e Poder. Linha de pesquisa: Narrativas, Imagens e Sociabilidades.	Dissertação	UFJF	2013
EDUARDO AUGUSTO VIEIRA FERRAZ	Masculino	“Crimes e acusações de feitiçaria entre os ajáuas, 1920 a 1940”	Área de concentração: História, Cultura e Poder. Linha de pesquisa: Narrativas, Imagens e Sociabilidades.	Dissertação	UFJF	2017
JOAO ANTONIO DAMASCENO MOREIRA	Masculino	FEITIÇARIA E ESCRAVIDÃO: as artes mágicas como mecanismo de resistência nas Minas Gerais (1700-1821)	Área de concentração: Cultura e Poder. Linha de pesquisa: Cultura e Identidade.	Dissertação	UFSJ	2016

LARISSA FREIRE PEREIRA	Feminino	Faces do Feitiço: Os feiticeiros e suas práticas mágicas nas Minas setecentistas (1748-1821)	Área de concentração: Cultura e Poder. Linha de pesquisa: Cultura e Identidade.	Dissertação	UFSJ	2016
GIULLIANO GLÓRIA DE SOUSA	Masculino	NEGROS FEITICEIROS DAS GERAES: Práticas mágicas e cultos africanos em Minas Gerais, 1748-1800	Área de concentração: Cultura e Poder. Linha de pesquisa: Cultura e Identidade.	Dissertação	UFSJ	2012
Rodrigo Barbosa Lopes	Masculino	OLHARES SOBRE A UMBANDA: O CULTUAR DE ORIXÁS NA E PELA CIDADE DE UBERLÂNDIA (1930/1940 e 1990/2000)	Área de concentração: História, Cultura e Poder Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFU	2011
LIVIA LIMA REZENDE	Feminino	FORÇA AFRICANA, FORÇA DIVINA: A MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO RECRIADA NA FIGURA	Área de concentração: História, Cultura e Poder. Linha de pesquisa:	Dissertação	UFSJ	2017

		UMBANDISTA DOS PRETOS-VELHOS	Narrativas, Imagens e Sociabilidades.			
TADEU PEREIRA DOS SANTOS	Masculino	ENTRE GRANDE OTELO E SEBASTIÃO: TRAMAS, REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIAS	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	UFU	2016
RIO DE JANEIRO						
Nº de publicações: 21						
Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
Bianca Guimarães da Silva	Feminino	Feitiços e feiticeiros das Geraes - Política e cultura na capitania de Minas Gerais no século XVIII'	Área de concentração: Não identificado. Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UERJ	2002

BEATRIS DOS SANTOS GONÇALVES	Feminino	Cartas de Perdão: um estudo sobre a feitiçaria no medievo português (século XV)	Área de concentração: História Comparada Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFRJ	2005
JULIANA TORRES RODRIGUES PEREIRA	Feminino	BRUXAS E DEMÔNIOS NO ARCEBISPADO DE BRAGA: UMA ANÁLISE DA VISITAÇÃO INQUISITORIAL DE 1565	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFRJ	2012
DANIELA BUONO CALAINHO	Feminino	METRÓPOLE DAS MANDINGAS: Religiosidade negra e inquisição portuguesa no antigo regime	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	UFF	2000
CAIO SERGIO DE MORAES SANTOS E SILVA	Masculino	Feiticeiros no cotidiano carioca durante as décadas iniciais da Primeira República - 1890 a 1910	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFF	2017

VIRGINIA GOUDINHO DE SOUZA SILVA	Feminino	“O último capítulo de uma história: curandeirismo e feitiçaria no Grão-Pará, Século XVIII”	Área de concentração: História Social do Território Linha de pesquisa: TERRITÓRIO, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES	Dissertação	UERJ	2016
MARCUS VINICIUS REIS	Masculino	Descendentes de Eva: religiosidade colonial e condição feminina na Primeira Visitação do Santo Ofício à América portuguesa (1591-1595)	Área de concentração: História Social do Território Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UERJ	2014
LUIS RAFAEL ARAUJO CORREA	Masculino	Feitiço Caboclo: um índio mandingueiro condenado pela Inquisição	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	UFF	2017
Flávio Gonçalves dos Santos	Masculino	Economia e Cultura do Candomblé na Bahia: o comércio de objetos litúrgicos afro-brasileiros 1850/1937	Área de concentração: História Econômica	Tese	UFF	2007

			Linha de pesquisa: Não identificado.			
Leandro Manhães Silveira	Masculino	Nas trilhas de sambistas e "povo do santo": memórias, cultura e territórios negros na cidade do Rio de Janeiro (1905-1950)	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFF	2012
BRUNO RODRIGUES PIMENTEL		As representações do Universo Mítico do candomblé Baiano pela Perspectiva de Carybé	Área de concentração: História Social do Território Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UERJ	2015
Marcela Melo de Carvalho	Feminino	Babel da crença: candomblés e religiosidade na belle époque carioca	Área de concentração: História Social da Cultura Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	PUC-RIO	2010

Elizabeth Castelano Gama	Feminino	Mulato, homossexual e macumbeiro: que rei é este? Trajetória de Joãozinho da Gomeia (1914-1971)	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado	Dissertação	UFF	2012
DEBORA SIMOES DE SOUZA	Feminino	"Tem, tem, a baianinha tem": De prática cotidiana, comida de orixás a patrimônio cultural	Área de concentração: História Social do Território Linha de pesquisa: TERRITÓRIO, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES	Dissertação	UERJ	2014
Francisco das Chagas Fernandes Santiago Junior	Masculino	IMAGENS DO CANDOMBLÉ E DA UMBANDA : etnicidade e religião no cinema brasileiro nos anos 1970	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Cultura e Sociedade	Tese	UFF	2009

Rogério Garcia Capelli	Masculino	Saindo da Rota: uma discussão sobre a pureza na religiosidade afro-brasileira.	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFF	2007
ÉRIKA DO NASCIMENTO PINHEIRO MENDES	Feminino	O Espetáculo das Águas: Um estudo sobre o ritual das Águas de Oxalá do Axé Opô Afonjá - século XIX	Área de concentração: História Social do Território Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UERJ	2008
NATHALIA FERNANDES DE OLIVEIRA	Feminino	A REPRESSÃO POLICIAL ÀS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRO-BRASILEIRAS NO ESTADO NOVO (1937-1945)	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFF	2015
JOSE HENRIQUE MOTTA DE OLIVEIRA	Masculino	Entre a macumba e o espiritismo: uma análise comparativa das estratégias de legitimação da Umbanda durante o Estado Novo	Área de concentração: História Comparada Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFRJ	2007

JOSE HENRIQUE MOTTA DE OLIVEIRA	Masculino	A Escrita do Sagrado na Literatura Umbandista: uma análise da obra de Matta e Silva em perspectiva Comparada	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Poder e Discurso	Tese	UFRJ	2017
PEDRO GUIMARAES PIMENTEL	Masculino	Emergência e Legitimação da Linha Branca de Umbanda e Demanda: conflitos ideológicos na conformação teológica, 1890-1941	Área de concentração: História Social da Cultura Linha de pesquisa: Política e Cultura	Dissertação	PUC-RJ	2013
SÃO PAULO						
Nº de publicações: 21						
Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
Marcos Antonio Lopes Veiga	Masculino	Sob a capa negra: necromancia e feitiçaria, curandeirismo e práticas mágicas de homens em	Área de concentração: História Social	Tese	USP	2012

		Aragão (séculos XVI e XVII).	Linha de pesquisa: Não identificado.			
Gabriela dos Reis Sampaio	Feminino	"A História do Feiticeiro Juca Rosa": Cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial"	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: História Social, diferenças e conflitos	Tese	UNICAMP	2000
Aldrin Moura de Figueiredo	Masculino	A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazonia: a constituição de um campo de estudo 1870-1950.	Área de concentração: História Social, Diferenças e Conflitos. Linha de pesquisa: Mundos do Trabalho na Escravidão e na Liberdade.	Tese	UNICAMP	1996
MÁRIO TEIXEIRA DE SÁ JÚNIOR	Masculino	MALUNGOS DO SERTÃO Cotidiano, práticas mágicas e feitiçaria no Mato Grosso setecentista	Área de concentração: História e Cultura Linha de pesquisa:	Tese	UNESP	2008

			Não identificado.			
Maria Aparecida Rodrigues Marzan	Feminino	Curandeirismo e feitiçaria: marcas da escravidão no sertão da Farinha Podre (Uberaba, 1854-1864)	Área de concentração: História e Cultura Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UNESP	2001
Vanicléia Silva Santos	Feminino	As bolsas de mandinga no espaço Atlântico - século XVII	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Escravidão e História Atlântica	Tese	USP	2008
Márcia Moisés Ribeiro	Feminino	O paradoxo das luzes: demonologia e exorcismos no universo luso-brasileiro, século XVIII	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	USP	2001
ANA PAULA DA SILVA FERNANDES	Feminino	Candomblé de São Paulo: fundamentos e tensões de uma comunidade terreiro na metrópole	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa:	Dissertação	PUC-SP	2017

			Não identificado.			
ADELE CRISTIANE DOS REIS	Feminino	Brincando com os orixás: ser criança no candomblé	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	PUC-SP	2017
LUIS CLAUDIO CARDOSO BANDEIRA	Masculino	Entidades africanas em "troca de águas": diásporas religiosas desde o Ceará	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	PUC-SP	2009
DIEGO FERNANDO RODRIGUES AZORLI	Masculino	ECOS DA ÁFRICA OCIDENTAL: o que a mitologia dos orixás nos diz sobre as mulheres africanas do século XIX	Área de concentração: História e Cultura Linha de pesquisa: Cultura, Historiografia e Patrimônio	Dissertação	UNESP	2016
CECÍLIA MARIA FERREIRA GONÇALVES	Feminino	Messageiras entre o mundo da tradição e o da contemporaneidade: as	Área de concentração: História Social	Dissertação	PUC-SP	2008

		mulheres negras do candomblé	Linha de pesquisa: Não identificado.			
Gonçalo Santa Cruz de Souza	Masculino	A casa de Airá : criação e transformação das casas de culto magô- Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Campo Grande – MS	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	USP	2008
Andréa Luciane Rodrigues Mendes	Feminino	Vestidos de realeza: contribuições centro-africanas no candomblé de Joãozinho da Goméia (1937-1966) de 3 linhas	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: História Social, Diferenças e Conflitos.	Dissertação	UNICAMP	2012
EMILIA JORGE DE ARATANHA	Feminino	Fotografia, cidade e candomblé: a lavagem do Bonfim de Marcel Gautherot	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	PUC-SP	2017
Cristiano Aparecido de Araujo da Cruz	Masculino	Meu materialismo não me limita: candomblé e	Área de concentração:	Dissertação	PUC-SP	2011

		consciência política em Jubiabá de Jorge Amado	História Social Linha de pesquisa: Não identificado.			
Marise Glória Barbosa	Feminino	Umás Mulheres que Dão no Couro - As Caixeiras do Divino Maranhão	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	PUC-SP	2002
LUIS CLAUDIO CARDOSO BANDEIRA	Masculino	Rotas e raízes: de ancestrais itinerantes	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	PUC-SP	2013
VILMA MARIA DO NASCIMENTO	Feminino	Sagrado/profano no trato do corpo e da saúde na metrópole negra: Salvador nos anos 1950/1970	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	PUC-SP	2007

Irinéia Maria Franco dos Santos	Feminino	Nos domínios de Exu e Xangô o Axé nunca se quebra : transformações históricas em religiões afro-brasileiras. São Paulo e Maceió (1970-2000)	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	USP	2012
LEANDRO ANTONIO DE ALMEIDA	Masculino	As mil faces de João de Minas: a construção do escritor e a repercussão de seus livros no campo literário brasileiro (1927-1989)	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	USP	2013
REGIÃO CENTRO-OESTE						
Nº de publicações: 12						
DISTRITO FEDERAL						
Nº de publicações: 2						

Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
Helen Ulhôa Pimentel	Feminino	Universo Mágico Colonial. Feiticeiros e inquisidores nos dois primeiros séculos da colonização do Brasil	Área de concentração: História Cultural Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	UnB	2005
Cristina da Silva Britto	Feminino	Umbanda, Ordem e Progresso: Representações das origens, construção identitária e institucionalização da Umbanda Pura no Rio de Janeiro (1908-1961)	Área de concentração: Sociedade, Política e Cultura Linha de pesquisa: Identidade, Tradições, Processos.	Dissertação	UnB	2005
GOIÁS						
Nº de publicações: 8						
Autor (a)	Gênero	Título		Tipo	Universidade	Ano

			Área de concentração/ Linha de pesquisa			
Natália do Carmo Louzada	Feminino	RECRIANDO ÁFRICAS: SUBALTERNIDADE E IDENTIDADE AFRICANA NO CANDOMBLÉ DE KETU	Área de concentração: Culturas, fronteiras e identidades Linha de pesquisa: Identidades, fronteiras e culturas de imigração	Dissertação	UFG	2011
CAMILA DE MELO SANTOS	Feminino	OS FILHOS DE XANGÔ: MEMÓRIAS DO TERREIRO DE PAI JOAQUIM DE XANGÔ	Área de concentração: Cultura e Poder Linha de pesquisa: Educação Histórica e Diversidade Cultural	Dissertação	PUC-Goiás	2013
MARCOS ANTONIO CUNHA TORRES	Masculino	OLHOS BRANCOS SOBRE O SAGRADO NEGRO: A CONSTRUÇÃO DA AFRICANIDADE NAS	Área de concentração: Culturas, fronteiras e identidades	Tese	UFG	2015

		IMAGENS DE PIERRE VERGER (1902-1996)	Linha de pesquisa: Fronteiras, Interculturalidade e Ensino de História			
Clarissa Adjuto Ulhoa	Feminino	"ESSA TERRA AQUI É DE OXUM, XANGÔ E OXÓSSI"?: UM ESTUDO SOBRE O CANDOMBLÉ NA CIDADE DE GOIÂNIA	Área de concentração: Culturas, fronteiras e identidades Linha de pesquisa: Identidades, fronteiras e culturas de imigração	Dissertação	UFG	2011
MARCOS ANTONIO CUNHA TORRES	Masculino	O Silenciar dos Atabaques Trajetória do Candomblé de Ketu em Goiânia	Área de concentração: Cultura e Poder Linha de pesquisa: Educação Histórica e Diversidade Cultural	Dissertação	PUC-Goiás	2009
FREDERICO MAEL SILVA MARQUES BUENO	Masculino	Ayrábeji de Xangô: O cine-transe e sua rubrica etnográfica	Área de concentração: Cultura e Poder	Dissertação	PUC-Goiás	2011

			Linha de pesquisa: Não identificado.			
Léo Carrer Nogueira	Masculino	Umbanda em Goiânia das origens ao movimento federativo (1948-2003)	Área de concentração: Culturas, fronteiras e identidades Linha de pesquisa: Identidades, fronteiras e culturas de imigração	Dissertação	UFG	2009
Léo Carrer Nogueira	Masculino	DA ÁFRICA PARA O BRASIL, DE ORIXÁ A EGUM: AS RESSIGNIFICAÇÕES DE EXU NO DISCURSO UMBANDISTA	Área de concentração: Culturas, fronteiras e identidades Linha de pesquisa: Fronteiras, Interculturalidade e Ensino de História	Tese	UFG	2017
MATO GROSSO						
Nº de publicações: 0						

Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
MATO GROSSO DO SUL						
Nº de publicações: 2						
Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
Rodrigo Casali	Masculino	QUANDO OS BAIANOS SE PINTARAM DE DOURADO(S): ASPECTOS DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS UMBANDISTAS DA CIDADE DE DOURADOS - MS	Área de concentração: História, Região e Identidades Linha de pesquisa: Fronteiras, Identidade e Representações	Dissertação	UFGD	2006
Mario Teixeira de Sá Junior	Masculino	A invenção da alva nação umbandista: a relação entre a produção	Área de concentração:	Dissertação	UFMS	2004

		historiográfica brasileira e a sua influência na produção dos intelectuais da Umbanda (1840-1960)	Não identificado. Linha de pesquisa: Não identificado.			
REGIÃO NORDESTE						
Nº de publicações: 24						
ALAGOAS						
Nº de publicações: 2						
Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
ADRIANA LUZIA LIMA	Feminino	“Filhos-de-santo, História e Religião do Candomblé: Narrativa e Experiência do Xangô em Alagoas”	Área de concentração: Poder, Cultura e Sociedade. Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFAL	2016

ADRIANO OLIVEIRA TRAJANO GOMES	Masculino	Os Exus no Cosmo Religioso Umbandista: mudanças e ressignificações históricas com o diabo cristão, Viçosa/AL (1960-2013)	Área de concentração: Poder, Cultura e Sociedade. Linha de pesquisa: Relações de poder, Conflitos e Movimentos Sociais.	Dissertação	UFAL	2016
BAHIA						
Nº de publicações: 12						
Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
Jaqueline de Andrade Pereira	Feminino	Práticas Mágicas e Cura Popular na Bahia, 1890-1940	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Relações de poder, Conflitos e	Dissertação	UFBA	1998

			Movimentos Sociais.			
JAQUELINE SOUZA GOMES DE MELO	Feminino	PRATICANTES E USUÁRIOS DE MAGIA NA PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFÍCIO À BAHIA (1591-1593): APRECIACÕES SOBRE RELAÇÕES SOCIAIS	Área de concentração: História Regional e Local Linha de pesquisa: Estudos Regionais: campo e cidade	Dissertação	UNEB	2012
GABRIELA DO NASCIMENTO SILVA	Feminino	NA TERRA DE NANÃ: CANDOMBLÉS, TERRITORIALIDADE E CONFLITO EM FEIRA DE SANTANA (1890-1940)	Área de concentração: História Regional e Local Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UNEB	2016
GILSON SOUZA DE JESUS	Masculino	AO SOM DOS ATABAQUES: COSTUMES NEGROS E AS LEIS REPUBLICANAS EM SALVADOR (1890-1939)	Área de concentração: História Regional e Local Linha de pesquisa: Estudos Sobre Trajetórias das Populações Afro-brasileiras.	Dissertação	UNEB	2011

BARBARA SANTANA NOGUEIRA	Feminino	NOTÍCIAS DE UM BATUQUE: O JORNAL A TARDE E A PERSEGUIÇÃO AOS CANDOMBLÉS EM SALVADOR DE 1912 A 1937	Área de concentração: História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas Linha de pesquisa: História da África, da Diáspora e dos Índios nas Américas	Dissertação	UFRB	2017
Ileana de las Mercedes Hodge Limonta	Feminino	CULTURA DE RESISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DE UMA IDENTIDADE CULTURAL: A SANTERÍA CUBANA E O CANDOMBLÉ BRASILEIRO (1950-2000)	Área de concentração: História Social do Brasil Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	UFBA	2009
FLAVIA LAGO DE JESUS PEREIRA	Feminino	MODERNIZAR AS CIDADES, CIVILIZAR OS COSTUMES: Repressão a espíritas e candomblecistas na Bahia republicana (1920-1940)	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFBA	2015

LIZANDRA SANTANA DA SILVA	Feminino	DO AXÉ À ALELUIA: TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO RELIGIOSO CACHOEIRANO (1980- 2007)	Área de concentração: História, Cultura e Poder Linha de pesquisa: Cultura, Sociedade e Política	Dissertação	UEFS	2014
ALEI DOS SANTOS LIMA	Masculino	SARAVÁ PRA QUEM É DE SARAVÁ: A UMBANDA DO SERTÃO SISALEIRO DA BAHIA (1985-2016)	Área de concentração: História, Cultura e Práticas Sociais Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UNEB	2016
ERIVALDO SALES NUNES	Masculino	CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DO CANDOMBLÉ CONGO-ANGOLA NA BAHIA O TERREIRO DE BERNARDINO DO BATE FOLHA (1916- 1946)	Área de concentração: História Social Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	UFBA	2017
PAULO MARCOS PEREIRA	Masculino	MANUEL QUERINO: PERCURSOS DE UM HISTORIADOR NEGRO E A HISTORIOGRAFIA	Área de concentração:	Dissertação	UNEB	2015

		DE SEU TEMPO – BAHIA (SÉCULOS XIX- XX)	História, Cultura e Práticas Sociais Linha de pesquisa: Não identificado.			
LORENA MICHELLE SILVA DOS SANTOS	Feminino	GRAÇAS AOS ORIXÁS, INQUICES, CABOCLOS... ESTAMOS AQUI”: EXPERIÊNCIAS, PRÁTICAS E RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA. AMARGOSA, 1940- 1980'	Área de concentração: História, Cultura e Práticas Sociais Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UNEB	2013
CEARÁ						
Nº de publicações: 1						
Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
Íris Verena Santos de Oliveira	Feminino	BECOS, LADEIRAS E ENCRUZILHADAS: Andanças do povo-de-	Área de concentração:	Dissertação	UFC	2007

		santo pela cidade de Salvador	História Social Linha de pesquisa: Não identificado.			
MARANHÃO						
Nº de publicações: 1						
Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
MARCIA ANDREA TEIXEIRA DA SILVA	Feminino	MEMÓRIA E UMBANDA: uma análise da trajetória de José Cupertino em São Luís	Área de concentração: História, Ensino e Narrativas Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UEMA	2016
PARAÍBA						
Nº de publicações: 2						
Autor (a)	Gênero	Título		Tipo	Universidade	Ano

			Área de concentração/ Linha de pesquisa			
Nereida Soares Martins da Silva	Feminino	As mulheres malditas: crenças e práticas de feitiçaria na América Portuguesa	Área de concentração: História e Cultura Histórica. Linha de pesquisa: História regional.	Dissertação	UFPB	2012
Cibelle Joven Leal	Feminino	AS RELIGIÕES AFRO-AMERÍNDIAS NAS ESPACIALIDADES DA CIDADE: DELINEAÇÕES DE FRONTEIRAS EM CAMPINA GRANDE-PB	Área de concentração: História, Cultura e Sociedade Linha de pesquisa: Cultura, Poder e Identidades	Dissertação	UFCG	2012
PERNAMBUCO						
Nº de publicações: 3						
Autor (a)	Gênero	Título		Tipo	Universidade	Ano

			Área de concentração/ Linha de pesquisa			
RAIMUNDO INACIO SOUZA ARAUJO	Masculino	O REINO DO ENCRUZO: práticas de pajelança e outras histórias do município de Pinheiro - MA (1946-1988)	Área de concentração: Sociedades, Culturas e Poderes. Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	UFPE	2015
Marta Valéria de Lima		BARRACÃO DE SANTA BÁRBARA EM PORTO VELHO - RO: Mudanças e transformações das práticas rituais	Área de concentração: Não identificado. Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFPE	2001
Marco Antônio Domingues Teixeira	Masculino	Abatás D'Loru: Perspectivas dos cultos afrobrasileiros em Porto Velho – Rondônia	Área de concentração: Não identificado. Linha de pesquisa: Não identificado	Dissertação	UFPE	1993

PIAUI

Nº de publicações: 2

Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
SABRINA VERONICA GONCALVES	Feminino	AS FACES DA UMBANDA NO PIAUÍ: Política, festa e criminalidade (1960-1978)	Área de concentração: História do Brasil. Linha de pesquisa: HISTÓRIA, CIDADE, MEMÓRIA E TRABALHO	Dissertação	UFPI	2017
Vivian de Aquino Silva Brandim	Feminino	OBRIGAÇÃO DE DONA CONSTÂNCIA: a constituição da Umbanda em Codó no Estado do Maranhão	Área de concentração: História do Brasil. Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFPI	2012

RIO GRANDE DO NORTE

Nº de publicações: 0

Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
SERGIPE						
Nº de publicações: 1						
Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
Gilmara Cruz de Araújo	Feminino	ARTES MÁGICAS NA BAHIA QUINHENTISTA: O CASO DE MARIA GONÇALVES CAJADA	Área de concentração: Cultura e Sociedade. Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFS	2016
REGIÃO NORTE						

Nº de publicações: 51

AMAZONAS

Nº de publicações: 1

Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
GISELE DA SILVA REZK	Feminino	Feitiçaria erótica: os feitiços de amor denunciados à época do Santo Ofício ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)	Área de concentração: História Social. Linha de pesquisa: Cultura e Representações.	Dissertação	UFAM	2014

RORAIMA

Nº de publicações: 0

Autor (a)	Gênero	Título		Tipo	Universidade	Ano
------------------	---------------	---------------	--	-------------	---------------------	------------

			Área de concentração/ Linha de pesquisa			
AMAPÁ						
Nº de publicações: 3						
Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
Marília Nascimento	Feminino	“Primeiro macumba era coisa de preto, de pobre, de marginal”: as religiões afro-brasileiras em Macapá.	X	Capítulo de livro	Belém: Editora Açaí	2011
Marcos Vinicius de Freitas Reis e Tiago Jorge Sousa Lopes	Masculino	Intolerância religiosa: um estudo sobre os casos de intolerância ocorridos no Terreiro de Candomblé Ilê Asé Ibi Olú Fonnim e	X	Artigo	Correlatio	2017

		com seus integrantes na vida social				
Decleoma Lobato Pereira	Feminino	O CANDOMBLÉ NO AMAPÁ: HISTÓRIA, MEMÓRIA, IMIGRAÇÃO E HIBRIDISMO CULTURAL	Área de concentração: História Social da Amazônia. Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFPA	2008
PARÁ						
Nº de publicações: 19						
Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
Aldrin Moura de Figueiredo	Masculino	A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazonia: a constituição de um campo de estudo 1870-1950.	Área de concentração: História Social, Diferenças e Conflitos. Linha de pesquisa:	Dissertação	UNICAMP	1996

			Mundos do Trabalho na Escravidão e na Liberdade.			
Aldrin Moura de Figueiredo	Masculino	A feitiçeira do rio Maracajó: notas sobre uma acusação de feitiçaria na Vigia Oitocentista	X	Capítulo de livro	1ed. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos	1998
Agenor SARRAF-PACHECO	Masculino	Religiosidade Afroindígena e Natureza na Amazônia	X	Artigo	Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião	2013
Agenor SARRAF-PACHECO	Masculino	Identidades Afroindígenas em 'Zonas de Contato' Amazônicas	X	Artigo	Revista de História e Estudos Culturais	2012
Jerônimo Silva Silva e Agenor SARRAF-PACHECO	Masculino	ORALIDADES EM TEMPOS DE POSSESSÕES AFROINDÍGENAS	X	Artigo	História Oral (Rio de Janeiro)	2012
Agenor SARRAF-PACHECO	Masculino	ENCANTARIAS AFROINDÍGENAS NA AMAZÔNIA	X	Artigo	Horizonte: Revista de Estudos de	2010

		MARAJOARA: Narrativas, Práticas de Cura e (In)tolerâncias Religiosas.			Teologia e Ciências da Religião (Online)	
Taissa Tavernard Luca	Feminino	Dom Manoel (O Venturoso): O Rei Expansionista do Tambor de Mina Amazônico.	X	Artigo	Estudos de Religião	2015
Taissa Tavernard Luca	Feminino	A Viagem Fantástica de Rei Sebastião: De Alcacer Quibir ao Terreiro de Mina.	X	Artigo	Observatório da Religião	2014
Taissa Tavernard Luca	Feminino	Por uma Sociedade de Corte nos Terreiros de Belém.	X	Artigo	Revista Estudos Amazônicos	2014
Taissa Tavernard Luca	Feminino	Um passeio pela Encantaria: Rei Sebastião é um nobre do Tambor de Mina	X	Capítulo de livro	1ed. São Paulo: Fonte Editorial	2014

Taissa Tavernard Luca	Feminino	Os Nobres no Tambor de Mina e a Construção da Imagem de Branquidade	X	Capítulo de livro	1ed. São Paulo: Fonte Editorial	2013
Taissa Tavernard Luca	Feminino	A trajetória das religiões afro-brasileiras em Belém do Pará na versão do povo-de-santo.	X	Capítulo de livro	Belém: EDUEPA	2011
Taissa Tavernard Luca e Anaíza Vergolino	Feminino	Um Campo Religioso Afro-Eclético	X	Capítulo de livro	4ed.Belém: IAP	2008
Taissa Tavernard Luca e Anaíza Vergolino	Feminino	Na Ambiguidade entre Natureza e Cultura é que Mora o Mito.	X	Capítulo de livro	4ed.Belém: IAP	2008
Taissa Tavernard Luca	Feminino	O Campo Religioso Afro-Brasileiro em Belém do Pará: Uma Disputa entre Instituições	X	Capítulo de livro	1ªed. Belém: UFPA	2008
Taissa Tavernard Luca	Feminino	Pelos Meandros de Uma Memória Afro-Amazônica	X	Capítulo de livro	4ed. Belém: IAP	2008

Mírian Tesserolli	Feminino	Algumas Reflexões sobre a Organização Social da Mina Maranhense e do Keto em Belém do Pará	X	Artigo	Rever (PUCSP)	2009
Mírian Tesserolli	Feminino	Saluba Nanã! A Venerável Mãe Ancestral na Contemporaneidade Brasileira	Área de concentração: Antropologia Social. Linha de pesquisa: RELIGIÃO, CULTURA, SIMBOLISMO E PODER	Tese	UFPA	2013
Gerson Santos e Silva	Masculino	Encantados da “fortaleza” insular: D. Sebastião, natureza em uma história cultural na Amazônia	Área de concentração: História Social da Amazônia.. Linha de pesquisa: História e Natureza.	Dissertação	UFPA	2007

TOCANTINS

Nº de publicações: 2

Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
Mírian Tesserolli	Feminino	ARTE, ANCESTRALIDADE E RELIGIOSIDADE NA CASA DE MÃE ROMANA EM NATIVIDADE, TO	X	Artigo	Curitiba, PR: Prismas	2017
Mírian Tesserolli	Feminino	A Cultura Brasileira e o Candomblé	X	Artigo	Produção Acadêmica (UFT)	2005
RONDÔNIA						
Nº de publicações: 25						
Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano

Dante Ribeiro Fonseca e Antonio Elias Nascimento	Masculino	Levantamento lexical de palavras encontradas nos Centros de Umbanda do Município de Nova Mamoré, Rondônia e a busca etimológica dos bantuisms brasileiros	X	Artigo	Veredas Amazônicas	2011
Marta Valéria de Lima	Feminino	BARRACÃO DE SANTA BÁRBARA EM PORTO VELHO - RO: Mudanças e transformações das práticas rituais	Área de concentração: Não identificado. Linha de pesquisa: Não identificado.	Dissertação	UFPE	2001
Marta Valéria de Lima	Feminino	Dos tambores de Averequete aos tambores de Oxalá: história de uma relação complexa: as religiões afro-brasileiras e a sociedade de Rondônia (1911-2011).	Área de concentração: Não identificado. Linha de pesquisa: Não identificado.	Tese	Universidad Pablo de Olavide de Sevilla	2013
Marta Valéria de Lima	Feminino	A Umbanda em Rondônia	X	Artigo	Muiraquitã-UFAC	2016

Marta Valéria de Lima	Feminino	Diversidade religiosa e Umbanda kardecista em Rondônia (1980-1990)	X	Artigo	Veredas Amazônicas	2015
Marta Valéria de Lima	Feminino	Gênero e sucessão em Tambor de Mina: o Terreiro de Santa Bárbara (Porto Velho - Rondônia)	X	Artigo	Labirinto (UNIR)	2006
Marta Valéria de Lima	Feminino	Pintando o Santo	X	Artigo	Caderno de Criação	2003
Marta Valéria de Lima	Feminino	História e estrutura ritual de um terreiro gêge-nagô em Porto Velho – RO	X	Artigo	Primeira versão	2002
Marta Valéria de Lima	Feminino	Políticas desenvolvimentistas na Amazônia e declínio do tambor de mina em Rondônia	X	Capítulo de livro	1ed.Porto Velho: EDUFRO	2016
Luciano Leal	Masculino	Formação dos cultos afro-brasileiros em Porto Velho/RO	X	Artigo	Veredas Amazônicas	2011

Luciano Leal da Costa Lima	Masculino	ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O TAMBOR DE MINA E OS TERREIROS DE PORTO VELHO	X	Artigo	Veredas Amazônicas	2014
Luciano Leal da Costa Lima	Masculino	Festa de Caboclo: um olhar etnográfico	X	Artigo	História e-História	2011
Luciano Leal da Costa Lima	Masculino	Chica Macaxeira, a mãe de santo que ressuscitou: contribuições dos estudos afro-brasileiros em Porto Velho	X	Artigo	Veredas Amazônicas	2011
Nilza Menezes	Feminino	As tensões de gênero que permearam a trajetória histórica e as transformações ocorridas nas religiões afro-brasileiras em Porto Velho, Rondônia	X	Artigo	Mandrágora (São Bernardo do Campo)	2013
Nilza Menezes	Feminino	A divisão do trabalho nos templos das religiões afro-brasileiras em Porto Velho, Rondônia	X	Artigo	Mandrágora (São Bernardo do Campo)	2011

Nilza Menezes	Feminino	GÊNERO E RELIGIÃO NA COMUNIDADE CARIBENHA DE RONDÔNIA	X	Artigo	Mandrágora (São Bernardo do Campo)	2010
Nilza Menezes	Feminino	Holanda, Fabiola. Religião e arte	X	Artigo	Mandrágora (São Bernardo do Campo)	2009
Nilza Menezes	Feminino	Pombagira: a outridade da mulher	X	Artigo	Netmal in Revista (IMS)	2007
Nilza Menezes	Feminino	Uma feiticeira no século XX	X	Artigo	Justiça & História	2005
Nilza Menezes	Feminino	A violência de Gênero nas religiões afro- brasileiras	X	Artigo	PPG-CR - UFPB	2012
Nilza Menezes	Feminino	Com feitiço e com fetiche	X	Artigo	Editora da Universidade Federal do Pernambuco e Editora da Universidade	2001

					Federal de Rondonia	
Nábila Raiana Magno Pimentel	Feminino	Dona Esperança Rita da Silva: uma mãe de santo na Estrada de Ferro Madeira Mamoré	X	Artigo	Revista Gepiaa	2010
Marco Antônio Domingues Teixeira	Masculino	Abatás D'Loru: Perspectivas dos cultos afrobrasileiros em Porto Velho – Rondônia		Dissertação	UFPE	1993
Marco Antônio Domingues Teixeira	Masculino	A macumba em Porto Velho.	X	Artigo	Compêndio de história e cultura de Rondônia	1994
Marco Antônio Domingues Teixeira	Masculino	Rituais fúnebres adotados por praticantes de religiões de matriz africana em Rondônia e São Paulo (Brasil)	X	Capítulo de livro	01ed.Porto Velho: Edufro-Rondoniana	2010
ACRE						

Autor (a)	Gênero	Título	Área de concentração/ Linha de pesquisa	Tipo	Universidade	Ano
X	X	X	X	X	X	X